Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira **24.6.2024** / Diário / Ano 160.º / N.º 56 676 / **€ 1,50** / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

SEMANA DE QUATRO DIAS BENEFICIA MAIS TRABALHADORES COM BAIXOS SALÁRIOS

RELATÓRIO Projeto-piloto envolveu 41 empresas e mais de mil trabalhadores, com vantagens reconhecidas por patrões e funcionários. Investigadores recomendam plano a 10 anos para tornar os quatro dias a norma, com envolvimento das grandes empresas e benefícios fiscais a PME.

PÁG. 13

DESIGUALDADE

PARLAMENTO MANTÉM 42 ANOS DE TRADIÇÃO E SÓ ELEGE HOMENS PARA O CONSELHO DE ESTADO

PÁGS. 4-5

RECUPERAR DA DEPRESSÃO NUM AMBIENTE ONDE A ROTINA TAMBÉM É DITADA PELO DOENTE

MARIA JOÃO HEITOR

PSIQUIATRA

Em Portugal, "uma em cada quatro pessoas sofre de doença mental. Não o podemos ignorar."

PÁGS. 8-10

REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS

Carreiras
O caminho da equivalência na voz de três professoras brasileiras

DN Brasil

PÁGS. 14-15

Leonor Teles
Os portugueses antigos detestavam-na, os atuais elevam-na ao primeiro lugar

PÁG. 27

Dubai
A cidade onde criar é sinónimo do inexpectável

PÁGS. 28-29

Rock in Rio
300 mil pessoas e a certeza do regresso ao Parque Tejo em 2026

PÁG. 26

Oposições
Montenegro 'convida' PS e Chega a juntarem ao PSD

PÁG. 6

DN **MARTÍNEZ "RENDIDO À PAIXÃO DOS PORTUGUESES PELA SELEÇÃO", DIZ FILHO DE CRUYFF** PÁGS. 20-23

Até ver...

Bruno Contreiras Mateus
Diretor interino do Diário de Notícias

Noite de James e Ornatos hoje como há 25 anos

Separam-nos 25 anos desde o primeiro concerto de James que vi no Sudoeste, em 1999. Naquele tempo, para mim, um bilhete de festival era um troféu, significava a emancipação, o tempo em que eu ia, corria com os amigos para o Alentejo, acampávamos no meio do pó e tomávamos banho numa cascata. Era tudo tão simples.

A música era tudo naquele tempo... *Insecure, whatcha gonna do? Feel so small they could step on you*... Eram tempos de descoberta, especialmente para nós, um tanto ingénuos. Tudo corria sem a loucura do telemóvel, da internet… estávamos isolados, três dias a ouvir grandes *hits*.

Parece que para mim aqueles instantes ficaram parados no tempo. Ficou-me marcado, e mesmo assim é tão longínquo. É tão fora desta realidade.

O que é mais engraçado é que passaram 25 anos. Eu estou diferente. Muito diferente do que era. Mas James soam da mesma maneira. Há músicas novas, mas há um encontro inequívoco com aquela época. É por isso que ouvimos e repetimos tantos concertos onde já estivemos. É por isso que mergulhamos nas memórias. E foi isso que senti no sábado à noite no Rock in Rio, em Lisboa, onde se vai de Uber e a cerveja já custa 4,2 euros (!), mas aquela voz é a mesma. O concerto deste fim de semana mostrou que esta banda é mítica e merecia o palco principal, merecia ainda hoje ser cabeça de cartaz. Foi o melhor concerto da noite.

Como já se percebeu, não foi pelo que ouvi que me faz ter a certeza de que passaram 25 anos – aliás, até me custa a crer que foram mesmo 25 anos! Eu vivo fascinado pela inteligência artificial e surpreendeu-me no espetáculo a projeção no ecrã ao lado do palco, em que Tim Booth e o resto da banda iam sendo substituídos por figuras futuristas ou mais étnicas, numa última *performance*.

Espetacular!

Mas houve mais uma coisa que mostrou a distância dos anos. Hoje, o mundo está embebido nos telemóveis, as pessoas estão tão completamente absorvidas pela tecnologia, pela internet, pelos *smartphones*.

> **“Por mais que o corpo avance ao ritmo dos anos, é tão bom respirar o mesmo ar como se estivéssemos a respirar pela primeira vez há 25 anos. É nesse momento que sabemos quem sempre fomos.”**

Booth apelou mesmo à sua audiência: “Não escondam a cara nos telemóveis, mostrem a vossa cara. Mostrem quem vocês são.”

– *Show who you are.*

Antes, na mesma noite do Rock in Rio, já tinham cantado Ornatos Violeta. Perdoem-me os relatos. Mas foi tão bom. Foi tão bom ouvir. E foi tão bom ver que eles envelheceram como eu, mas que tudo soa ao mesmo dos mesmos 25 anos, ao que sempre ouvimos, ao que sempre quisemos ouvir, ao que gostamos. Foi tão bom.

Lembro-me tão bem de um dia o meu pai, já talvez com uns 70 e poucos anos, me ter dito, assim do nada, que se sentia de cabeça como se tivesse 18. Eu parei, pensei e senti-me surpreendido. Hoje penso nisso e sinto-me feliz, porque, por mais que o corpo avance ao ritmo dos anos, é tão bom respirar o mesmo ar como se estivéssemos a respirar pela primeira vez há 25 anos. É nesse momento que sabemos quem sempre fomos.

OS NÚMEROS DO DIA

22.708

ACIDENTES
É o número de sinistros rodoviários em Portugal entre 1 de janeiro e 31 de maio deste ano, um aumento em relação ao período homólogo, mas com menos mortos (31) e feridos graves (277). A PSP realizou um total de 10.485 operações.

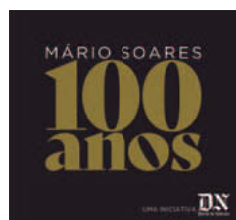
10

PARTIDOS
É o número de forças políticas que assinaram um acordo para formar um Governo de Unidade Nacional (GUN) na África do Sul, anunciou o secretário-geral do Congresso Nacional Africano (ANC). Os partidos que compõem o GNU obtiveram juntos mais de 70% dos votos nas eleições de 29 de maio.

7,75

MILHÕES DE EUROS
É o valor que o Sporting vai receber fixo pela transferência do avançado Paulinho para o Toluca, do México. O jogador viajou ontem para a América Central para realizar testes médicos e assinar o contrato, válido por três temporadas.

59

APURADOS
É o número de atletas portugueses que já estão confirmados nos Jogos Olímpicos de Paris, depois dos apuramentos dos *skaters* Gustavo Ribeiro e Thomas Augusto e ainda de Vanessa Marina, que vai representar Portugal na competição de *breaking*.

24.6.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

DESIGUALDADE

Parlamento mantém 42 anos de tradição e só elege homens para o Conselho de Estado

MULHERES Há uma dificuldade histórica da Assembleia da República em incluir mulheres nas listas para o órgão consultivo da Presidência. Este ano não foi exceção, e todos os eleitos são homens. Assentos para conselheiras só existiram por inerência ou nomeação dos Presidentes.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

AS CONSELHEIRAS ATUAIS

LÍDIA JORGE
Foi indicada para o Conselho de Estado por Marcelo Rebelo de Sousa em 2021.

JOANA CARNEIRO
Entrou para o órgão em 2024, após renúncia de António Damásio.

LEONOR BELEZA
É conselheira de Estado desde 2008, quando substituiu Manuela Ferreira Leite.

MARIA LÚCIA AMARAL
Provedora de Justiça desde 2018, está no Conselho de Estado por inerência ao seu cargo.

Zero. É este o número de mulheres que a Assembleia da República elegeu para o Conselho de Estado desde 1982, quando foi criado. Na verdade, a única mulher que representou o Parlamento no órgão consultivo do Presidente da República foi Assunção Esteves, que desempenhou o cargo de presidente da Assembleia da República (logo, teve assento por inerência).

Esta é, aliás, a tendência: membros femininos no Conselho de Estado só acontece por inerência ou nomeação presidencial. Isto fica patente na atual constituição, em que há quatro conselheiras (Maria Lúcia Amaral, provedora de Justiça, a maestrina Joana Carneiro, que entrou para substituir António Damásio, a escritora Lídia Jorge e a presidente da Fundação Champalimaud e ex-ministra Leonor Beleza). Historicamente, só mais uma mulher teve assento no órgão consultivo. Além destas três e de Assunção Esteves, Manuela Ferreira Leite esteve no Conselho de Estado. E aí, em 2006, fê-lo por nomeação do então Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva. Tornando-se líder do PSD em 2008, deixou o lugar vago, sendo substituída por Leonor Beleza.

Esta dificuldade pode justificar-se por um fator: a "base de recrutamento" partidário. "Há, de facto, uma tendência", com os partidos a terem mais homens do que mulheres, segundo Paula do Espírito Santo, investigadora no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP). "Não é um caso só nacional, noutros contextos, até a nível europeu, acontece o mesmo. As militâncias partidárias são maioritariamente masculinas", compara.

> *"Reconhece-se que faltam mais mulheres e praticamente todos os partidos têm este tema [paridade] na agenda. É difícil encontrar uma explicação para esta sub-representatividade feminina no Conselho de Estado."*
> **Paula do Espírito Santo**
> *Investigadora no ISCSP*

Na opinião da professora, "seria benéfico" ter uma maior representação feminina no Conselho de Estado, mesmo sendo uma estrutura meramente consultiva. É, no entanto, "interessante" que seja o próprio Presidente da República "a dar essa mensagem rumo à paridade, ao nomear ele próprio mulheres para este órgão".

"É importante que seja transmitida essa mensagem", considera Paula do Espírito Santo. Esta atitude "pode ser um sinal dos tempos, era bom que o fosse, na verdade".

Aprovada pela primeira vez em 2006, a Lei da Paridade foi revista em 2019. E ainda que só se cinja a órgãos eleitos (ou seja, Assembleias da República e Regionais, Parlamento Europeu e autarquias), o texto é claro e define uma "representação mínima de 40% de cada um dos sexos". Ainda que não seja aplicável neste caso do Conselho de Estado, "devia ser mais respeitada", nota a investigadora.

"A verdade é que, mesmo com as

OS MEMBROS DO C

- Designados pelo PR pelo período correspondente à duração do seu mandato
- Eleitos pela AR pelo período correspondente à duração do seu mandato
- Detentores de cargos políticos
- Ex-Presidentes da República
- Pres. do TC e provedor de Justiça

AGUIAR-BRANCO
Presidente da Assembleia da República

JOSÉ JOÃO ABRANTES
Juiz conselheiro. presidente do Tribunal Constitucional

ANTÓNIO LOBO XAVIER
Advogado, gestor e ex-líder parlamentar do CDS

JOANA CARNEIRO
Maestrina

CARLOS CÉSAR
Presidente do Partido Socialista

FRANCISCO PINTO BALSEMÃO
Antigo primeiro-ministro

OS ELEITOS PELA AR DESDE 1982

1982: Pinto Balsemão*, Mota Pinto Mário Soares, Álvaro Cunhal, Freitas do Amaral

1983: Mário Soares, António de Macedo, Mota Pinto, Álvaro Cunhal, Francisco Lucas Pires

1985 : Cavaco Silva*, Amândio de Azevedo, Mário Soares, Álvaro Cunhal, Hermínio Martinho

1987: Cavaco Silva*, Barbosa de Melo, Eurico de Melo, Álvaro Cunhal, Vítor Constâncio

1991: Eurico de Melo, Jorge Sampaio, Vítor Crespo, António Guterres, Montalvão Machado

1996 : Manuel Alegre, Eurico de Melo, Fernando Gomes, Barbosa de Melo, Gomes Canotilho

1999: Manuel Alegre, Barbosa de Melo, João Soares, Marcelo Rebelo de Sousa, Gomes Canotilho

2002 : Barbosa de Melo, Ferro Rodrigues, António Capucho, Almeida Santos, Paulo Portas

2005 Meno Coelh

2009 Balse Capu

* ELEITO PRIMEIRO-MINISTRO, FOI ELEITO O NOME SEGUINTE DA RESPETIVA LISTA.

CONSELHO DE ESTADO

LUÍS MONTENEGRO
Primeiro-ministro

MIGUEL ALBUQUERQUE
Presidente do Governo Regional da Madeira

JOSÉ MANUEL BOLIEIRO
Presidente do Governo Regional dos Açores

MARIA LÚCIA AMARAL
Provedora de Justiça

ANTÓNIO RAMALHO EANES
Antigo Presidente da República

ANÍBAL CAVACO SILVA
Antigo Presidente da República

LÍDIA JORGE
Escritora

LUÍS MARQUES MENDES
Ex-líder do PSD

LEONOR BELEZA
Presidente da Fundação Champalimaud

ANDRÉ VENTURA
Presidente do Chega

PEDRO NUNO SANTOS
Secretário-geral do PS

CARLOS MOEDAS
Autarca de Lisboa

leis a começarem a focar-se na paridade, é algo que ainda não se verifica." E, aparentemente, não há razão: "É uma questão praticamente transversal. Reconhece-se que faltam mais mulheres e praticamente todos os partidos têm este tema na agenda. É difícil encontrar uma explicação para esta sub-representatividade feminina no Conselho de Estado", concluí.

Aliás, a paridade (ou falta dela) no Conselho de Estado não é tema novo ou exclusivo à eleição que agora aconteceu. Num artigo de opinião publicado no DN em julho de 2023, Teresa Pizarro Beleza e Helena Pereira de Melo passavam em revista as diferentes eleições parlamentares para o órgão consultivo e notavam: "A Assembleia da República elegeu cinco homens [Carlos César, Pinto Balsemão, Sampaio da Nóvoa, Manuel Alegre e Miguel Cadilhe] numa perspetiva algo dinástica, mas será porventura necessário dar espaço a ideias monárquicas num regime democrático que se quer tolerante." No mesmo texto – e perante a falta de assentos ocupados por mulheres –, as duas autoras falavam ainda numa "discriminação indireta injusta" (porque até os cargos por inerência são normalmente ocupados por homens). "Num Estado de direito democrático assente no respeito pela dignidade da pessoa humana, a má-fé do legislador deve ser excluída", rematavam.

Partidos contestam lista do Parlamento

A eleição para o Conselho de Estado (que tem a primeira reunião marcada para dia 15 de julho) não foi isenta de críticas. Além da contestação ao facto de ter sido apresentada uma lista única, que incluiu Ventura, BE, Iniciativa Liberal e Livre, criticaram a constituição da lista.

"Em 2024 não faz sentido os partidos não conseguirem apresentar candidatas para o Conselho de Estado", disse Isabel Mendes Lopes, líder parlamentar do Livre. Já Mariana Leitão, líder de bancada da Iniciativa Liberal, criticou "a hipocrisia" de PS e PSD ao aliarem-se ao Chega neste caso. E pelo BE Mariana Mortágua foi no mesmo sentido, apontando que se leva a sério "os partidos que dizem que vão erguer barreiras" ao Chega, mas que "quando se fala de lugares de Estado" haja sempre um acordo com o partido de Ventura.

rui.godinho@dn.pt

...5: Almeida Santos, Marques ...des, Manuel Alegre, Jorge ...no, Pinto Balsemão

...9: Almeida Santos, Pinto ...mão, Manuel Alegre, António ...cho, Gomes Canotilho

2011: Pinto Balsemão, António José Seguro, Marques Mendes, Manuel Alegre, Luís Filipe Menezes

2015: Carlos César, Pinto Balsemão, Francisco Louçã, Adriano Moreira, Domingos Abrantes

2019: Carlos César, Pinto Balsemão, Francisco Louçã, Rui Rio, Domingos Abrantes

2022: Carlos César, Pinto Balsemão, Manuel Alegre, Sampaio da Nóvoa, Miguel Cadilhe

Partidos de centro-direita ganham. Esquerda perdeu peso

EQUILÍBRIOS Conselho de Estado tem maioria de centro-direita. Nem sempre foi assim, e há casos em que os nomes do Parlamento serviram para oposição ao Presidente.

O Conselho de Estado foi criado em 1982, após ter sido extinto o Conselho da Revolução. Com isso, o Presidente da República passou a auscultar os conselheiros em relação a algumas matérias, como a dissolução da Assembleia.

Composto por 18 assentos, há três tipos de conselheiros: os que têm assento por inerência pelo cargo que desempenham (como o primeiro-ministro ou antigos Presidentes da República), os nomeados pelo chefe de Estado (como, por exemplo, os casos atuais de Marques Mendes ou Lídia Jorge) e aqueles que são eleitos pelo Parlamento, com recurso ao método de Hondt. Ou seja, só os maiores partidos podem propor nomes para as listas (ou lista única) a serem votadas.

Isto significa que desde a última legislatura (2022) os partidos mais à esquerda, PCP e BE, perderam capacidade de sugerir nomes para o Conselho de Estado. Foi uma das poucas vezes em que tal sucedeu. Olhando para as listas que o Parlamento votou, e que estão disponíveis em *Diário da República*, é possível ver que em 2002 o mesmo aconteceu. Nesse ano, os nomes enviados pela Assembleia da República circulavam todos à volta de três partidos: PS, PSD e CDS-PP. Tal aconteceu também em 2011, por exemplo. Mas nos anos da 'geringonça' (2015 e 2019) PCP e BE voltaram a ter, respetivamente, Domingos Abrantes e Francisco Louçã como nomes eleitos para este órgão consultivo. E, apesar de o CDS não ter conseguido eleger deputados em 2022, o partido manteve a sua representação, com António Lobo Xavier, militante do partido, a ser nomeado pelo Presidente da República.

Com a atual constituição, o Conselho de Estado passa a ser mais conotado com o centro-direita. Só quatro dos 18 conselheiros estão claramente do lado esquerdo: Pedro Nuno Santos, Carlos César, José João Abrantes e Lídia Jorge. Isto faz com que o centro-direita tenha maioria absoluta e a direita radical esteja pela primeira vez representada.

> Desde a última legislatura (2022), os partidos mais à esquerda, PCP e BE, perderam capacidade de sugerir nomes para o Conselho de Estado. Foi uma das poucas vezes em que tal sucedeu.

Assembleia da República como contrapoder

Outra análise mostra também que muitas vezes o Parlamento serve quase como um contrapeso à ideologia política do Presidente da República.

Por exemplo, quando, em 2019, o Parlamento elegeu os seus conselheiros de Estado, enviou dois nomes ligados aos partidos mais à esquerda (Domingos Abrantes e Francisco Louçã) e até o então líder do PSD, Rui Rio, era conotado com uma filosofia mais à esquerda dentro do partido.

No entanto, em 1996 e 1999, era então Presidente Jorge Sampaio (militante do PS), a esquerda dominava entre os nomes da Assembleia para o Conselho de Estado, com PS e PSD em equilíbrio e um nome mais associado ao PCP (Gomes Canotilho).

E logo nos primeiros anos de Conselho de Estado, durante os mandatos de Ramalho Eanes, os pesos pesados de PS e PSD foram também eleitos. E em 1985, estando representados por Mário Soares e Mota Pinto, respetivamente, o PCP escolheria Álvaro Cunhal. O nome indicado pelo CDS-PP era Francisco Lucas Pires. **R.M.G.**

Luís Montenegro acusou PS e Chega de quererem juntar-se, criticando votações no hemiciclo.

FILIPE AMORIM/LUSA

Montenegro ‘convida’ PS e Chega a juntarem ao PSD

OPOSIÇÕES Líder social-democrata e primeiro-ministro criticou proximidade entre os seus principais opositores. Pedro Nuno Santos devolveu ‘ataque’ lembrando o apoio do Chega ao Governo.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

O presidente do PSD, Luís Montenegro, lançou ontem um convite ao PS e Chega para se juntarem ao governo, numa crítica à aprovação de medidas socialistas que foram bem acolhidas pelo partido de André Ventura. Ironizando que se PS e Chega querem juntar-se, “a vontade do Partido Social-Democrata é juntar-se com Portugal e com os portugueses para resolver os seus reais problemas”, disse o também primeiro-ministro, acrescentando que “a melhor maneira de se juntarem aos portugueses é juntarem-se ao governo”.

“Nós mostramos que aquilo que dissemos na campanha eleitoral não foram meras proclamações, foram a base de decisões. Nós não estamos aqui para proclamar, nós estamos aqui para decidir e para governar”, destacou o governante durante o encerramento do 28.º Congresso da JSD, que decorreu em Lisboa durante o fim de semana.

Também o novo líder da JSD, João Pedro Louro, eleito na reunião magna dos jovens sociais-democratas, acusou PS e Chega de viverem “hoje um romance”, mas com um aviso: “Os jovens não lhes perdoarão se a implementação do IRS Jovem não for aprovada e se um jovem deste país não vir o seu rendimento disponível aumentar por causa de um bloqueio orquestrado pelo PS e pelo Chega.”

Por seu turno, o secretário-geral do PS, Pedro Nuno Santos, no Porto, durante a celebração do São João, disse que “as declaração do Sr. Primeiro-Ministro têm graça, porque ainda na última sexta-feira o fim da Contribuição Extraordinária para o Alojamento Local foi aprovado com os votos do Chega”. “Ainda recentemente também tivemos propostas para a justiça, que foram elogiadas pelo Chega, propostas para a imigração, que foram elogiadas pelo Chega, e tivemos no Parlamento propostas do governo aprovadas pelo Chega”, continuou o líder socialista, rematando que “só com graça é que ouvimos as declarações do Sr. Primeiro-Ministro”.

> Pedro Nuno Santos afirma que não brindaria com André Ventura ao São João. “O Chega representa tudo aquilo que nós combatemos.”

“Aliás, dá para nos questionarmos como é que se chama a aliança PSD, CDS e Chega. Acho que é Chega-AD”, ironizou, com uma referência à coligação que forma o governo.

Perante a insistência dos jornalistas quanto ao ‘convite’ de Luís Montenegro para se juntar ao governo, Pedro Nuno Santos respondeu que o líder social-democrata “não pode é fazer de conta que quer, quando, na realidade, o Partido Socialista tem sido ignorado naquilo que o governo tem apresentado”.

Num ambiento festivo, na Ponte D. Luiz, no Porto, Pedro Nuno Santos foi questionado pelos jornalistas se faria um brinde com Luís Montenegro e André Ventura. “Com André Ventura não fazia de certeza. O Chega representa tudo aquilo que nós combatemos na sociedade portuguesa”, respondeu sem hesitações, antes de lembrar que “o Chega e André Ventura prometeram limpar o país” mas ainda assim protagonizaram uma “vergonha”, na passada sexta-feira, durante a Comissão Parlamentar de Inquérito sobre o caso das gémeas. “Isso, sim, envergonhou-me profundamente como deputado”, assumiu.

Sobre o brinde com Luís Montenegro, garantiu que “não teria qualquer problema em brindar com líderes democráticos que respeitam a democracia. Por isso teria todo o gosto em fazer um brinde ao Porto, a Gaia e ao São João com o primeiro-ministro”, concluiu.

vitor.cordeiro@dn.pt

Livre propõe aliança à esquerda

Em matéria de alianças, não foi só o PSD que procurou um entendimento com o PS. O Livre anunciou ontem que pediu reuniões ao PS, BE, PCP e PAN para dialogar, “numa altura de grandes desafios para a democracia”, para fazer um balanço das eleições europeias e acertar agulhas sobre as autárquicas, previstas para 2025. Só a coordenadora do BE, Mariana Mortágua, confirmou a convergência. No mesmo dia, na sequência da reunião da Mesa Nacional do BE, que aconteceu no sábado, Mariana Mortágua reconheceu o mau resultado das eleições europeias, combateu críticas internas e anunciou uma Conferência Nacional para analisar o papel do partido no atual ciclo político. Falou em convergências e alianças e assumiu que a proposta do Livre “vem na sequência de um primeiro movimento” que o BE fez “a seguir às legislativas de debate com diferentes partidos do campo ecologista, à esquerda, e que”, garantiu, o partido quer “ir aprofundando ao longo do tempo.

Sócrates critica “duplo critério” nas escutas

Foi a partir de sua casa, na Ericeira, que José Sócrates decidiu enviar um curto *e-mail* às redações intitulado “O Duplo Critério”. “A publicação de escutas telefónicas é usada em Portugal como meio que visa comprometer a reputação individual de adversários políticos. Os polícias e procuradores que usam estes métodos rebaixam o Estado à condição moral de delinquente”, começa por escrever o antigo primeiro-ministro, visado no Processo Marquês.

Na missiva, o ex-governante ataca o recurso às escutas nas investigações judiciais, que considera ser uma “violência ilegítima do Estado português” sobre o indivíduo, acrescentando que “este método deixou de ser exceção e se transformou em regra”.

José Sócrates acusa: “Os criminosos não são os escutados, mas os que divulgam as escutas. O método tem nome e uma longa história nas polícias políticas – Kompromat.”

De seguida, o arguido do Processo Marquês dá conta daquilo por que passou e que, na sua opinião, foi esquecido, em detrimento da atual polémica suscitada pelas escutas no Processo Influencer, onde é visado António Costa. “Há 10 anos fui vítima do mesmo: as mulheres do Sócrates, os filhos do Sócrates, os amigos do Sócrates. Essa violência ilegítima do Estado português foi normalizada e tolerada por todos – pela política, pelo jornalismo, pelo poder judiciário.”

Sócrates considera “inaceitável” a diferença de tratamento. E finaliza, na nota enviada às redações: “Portanto, anotemos com consciência: à nojeira de hoje junta-se a tentativa de esquecimento da nojeira de ontem. O silêncio sobre o que aconteceu no Processo Marquês comparado com a viva indignação que agora é usada no Processo Influencer representa um duplo critério moral que considero absolutamente inaceitável.” **I.L.**

Recuperar da depressão num ambiente onde a rotina também é ditada pelo doente

DESAFIO A saúde mental é um dos cinco eixos prioritários do Plano de Emergência e Transformação da Saúde apresentado pelo governo, por ser preciso aumentar a resposta. E foi a pensar nos limites do serviço público que o grupo Luz Saúde avançou para um serviço de internamento de psiquiatria. É o primeiro no setor privado em toda a região Sul, funciona no Hospital do Mar e já está a dar resposta a doentes com situações agudas.

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO** FOTOS **REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS**

"Nunca esperei que pudesse atingir uma depressão com esta dimensão." Quem o diz é José Rodrigues, um dos primeiros doentes que deu entrada no primeiro serviço de psiquiatria privado na região Sul do país, no Hospital do Mar, em Loures, e que ali continua a recuperar. Com 67 anos, toda a vida procurador da República do Tribunal de Família e Menores de Loures, José Rodrigues, ou Dr. José, como é tratado na unidade, não se embaraça a falar da doença que o levou, em outubro do ano passado, a um internamento urgente num hospital público, à transferência para um outro, onde esteve alguns meses, e depois à passagem para este serviço, onde agora, diz: "Estou a recuperar bem. Há outras atividades, como terapia ocupacional e fisioterapia, que não tinha no hospital público e com o apoio dos meus familiares acredito que vou conseguir."

O paciente entrou em outubro de 2023 na urgência do Hospital de São José, em Lisboa, referenciado por uma psiquiatra e levado pelo filho e pela irmã, depois de ter entrado de baixa médica no seu local de trabalho. É ele que nos conta todos os passos, porque, se há mensagem que gostaria de deixar a outros que possam estar a viver o mesmo que ele, é, precisamente, "assim que sintam alguns sintomas diferentes, como dificuldade em dormir, angústia ou tristeza, não deixem de pedir ajuda o mais rápido possível. Comecei por sentir dificuldade em dormir, depois entrei num grande isolamento social, muita angústia, e por fim entrei numa fase em que andava e andava sem destino. Fui a uma psiquiatra que recomendou o meu internamento, foi quando a minha irmã e o meu filho me levaram a São José, mas depois fui transferido para o Hospital Amadora-Sintra".

José Rodrigues encontra-se a recuperar de uma depressão.

Sem regras para acordar ou deitar, o ritmo de cada doente é respeitado

Sentado a uma mesa, com a técnica de terapia ocupacional, José viaja virtualmente pelo mundo tentando identificar as capitais de cada país. As palavras saem-lhe pausadamente, vai acertando. O momento de terapia ocupacional integra a sua rotina diária, depois das 11h00, já que o seu ritmo de acordar é pelas 9h00, só depois faz a sua higiene, toma o pequeno-almoço e então se dedica às atividades. Tudo isto é respeitado, como explica o enfermeiro-chefe do serviço de internamento de psiquiatria, Pedro Freire: "As necessidades dos doentes variam e respeitamos os ritmos de cada um." Faz parte da filosofia do hospital e deste serviço em particular. "Os ritmos do sono são muito importantes para estes doentes. E não há uma regra para acordarem todos às 7h00 ou às 7h30. Por exemplo, o Dr. José gosta de se levantar pelas 9h00, a outra doente a partir das 8h00. Cada um levanta-se à sua hora, faz a sua higiene, toma o pequeno-almoço e conversa com a equipa de enfermagem sobre como foi a noite e as suas necessidades para dar início às atividades." É assim que ali se começa o dia, mas ao deitar é a mesma coisa. O Dr. José, por exemplo, gosta de ler e ficar acordado até à meia-noite. Há outros doentes que já não são assim. Mas o importante é que dia a dia cada um tenha "a noção da sua doença, dos sintomas , como pode lidar com eles, e das suas necessidades", explicam-nos.

Enquanto falamos com as equipas, no serviço instalado no piso zero do edifício do Hospital do Mar, que em tempos já teve funções dedicadas à investigação agronómica, José Rodrigues continua nas suas atividades terapêuticas. A outra doente que com ele ali está internada preferiu fazer um passeio terapêutico na parte exterior do hospital. As atividades que cada um tem de fazer são distribuídas ao longo do dia, mas a hora de almoço é sagrada, até por causa da medicação e da hora das visitas, que vai das 12h00 até às 20h00. E, como diz Pedro Freire: "As famílias acabam por ser nossos parceiros na recuperação dos doentes."

No primeiro andar, José deixa a área da estimulação para se dirigir à fisioterapia. É das atividades de que mais gosta, confessou ao DN, embora concorde que tanto uma como outra sejam importantes. "Trabalhamos muito a área cognitiva, com exercícios de estimulação,

mas também a área motora e o que chamamos de treino de vida diária. O objetivo é potenciar a autonomia funcional de que necessita cada doente", destaca a coordenadora da área da reabilitação, Alexandra Quadrado. Por isso mesmo o treino diário pode passar pela "atividade de vestir ou despir, pela gestão de dinheiro, pela aprendizagem do uso de transportes ou até pelo ir às compras. É todo um trabalho que é planeado e programado também no sentido de se promover a reintegração social."

O grande desafio deste serviço é dar uma resposta mais global aos doentes

Nos corredores do hospital não há o frenesim nem as enchentes de um hospital público. É difícil identificar quem é doente ou visitante, porque outra das regras é que "não se anda em pijama. Todos os pacientes usam a sua roupa, porque o objetivo é que recuperem para retomarem a sua vida lá fora", destaca o enfermeiro Pedro Freire. A segurança é outra das regras – os quartos têm o menos possível, todas as portas abrem para os dois lados, mas a porta de entrada do serviço só abre com cartão, usado pelos profissionais. "É uma questão de segurança, mas, como vê, não é um serviço que se assemelhe a uma prisão, não é isso que se pretende dar ao doente."

O Hospital do Mar, que integra o grupo Luz Saúde, "está organizado de forma a dar resposta a várias valências, que vão desde as demências até aos paliativos, e cada uma destas especialidades tem as suas próprias equipas. Mas temos uma equipa base que dá resposta a outra vertente, que é a da terapêutica, e que integra neuroterapeutas, psicólogos e animadores", destaca o diretor clínico da unidade. Manuel Caldas de Almeida.

Aliás, reforça ao DN a psiquiatra Maria João Heitor, consultora do grupo para esta área e coordenadora do trabalho que levou à criação deste serviço, "uma das razões que fez este grupo privado avançar para um serviço de internamento na área da saúde mental foi precisamente o facto de já ter nesta unidade uma resposta global". Por outro lado, "o setor privado tem-se mobilizado, sobretudo no ambulatório, com a criação de consultas externas de psiquiatria e psicologia, mas o internamento psiquiátrico tem sido uma valência deficitária, com escassas camas, e oscilações no encerramento e abertura de clínicas. As camas que existiam não tinham, na sua maioria, um corpo clínico permanente, e foi isto que se pretendeu introduzir".

Maria João Heitor explica que este "serviço de internamento tem uma equipa clínica multidisciplinar em permanência com formação e experiência na área, com médicos psiquiatras, enfermeiros especializados, técnicos auxiliares de saúde e outros profissionais, e está inserido numa estrutura hospitalar com múltiplas valências médicas, como sejam a medicina interna, medicina geral e familiar, neurologia, medicina física e de reabilitação, além da nutrição, psicologia e neuropsicologia, neuroestimulação, terapia ocupacional, terapia da fala, animação sociocultural e assistentes sociais, entre outras". Ou seja, remata, "são valências diferenciadas que vão desde a reabilitação ao tratamento de demências e aos cuidados paliativos, sempre com equipas habituadas a trabalhar em multidisciplinaridade e num ambiente de qualidade".

> *"Os serviços públicos têm limitações, são impotentes para dar todas as respostas de que os cidadãos precisam, por exemplo, para os casos menos graves. Mesmo nos casos mais complexos, os doentes permanecem demasiados dias nos serviços de urgência antes de terem vaga nos internamentos de psiquiatria. A piorar esta situação, deparamo-nos com uma insuficiência de respostas nos cuidados de saúde primários."*
>
> **Maria João Heitor**
> *Psiquiatra*

Mas a psiquiatra reconhece não ter sido só a necessidade de dar uma resposta global nesta área no setor privado que levou à criação deste serviço, foi também o facto de o setor público ter resposta limitada para algumas situações agudas. "Os serviços públicos têm limitações, são impotentes para dar todas as respostas de que os cidadãos precisam, por exemplo para os casos menos graves. Mesmo nos casos mais complexos os doentes permanecem demasiados dias nos serviços de urgência antes de terem vaga nos internamentos de psiquiatria. A piorar esta situação deparamo-nos com uma insuficiência de respostas nos cuidados de saúde primários". Portanto, e sintetizando, "as dificuldades de respostas atempadas e abrangentes no SNS e também a resposta deficiente ao nível dos hospitais privados" levaram à criação deste serviço, agora com capacidade para 14 camas, mas que pode ir até às 18. Por agora, a equipa médica permanente é de três médicos, mas em julho será de quatro e em setembro de cinco. A equipa de enfermagem integra oito profissionais.

De fevereiro a junho o serviço recebeu cinco doentes. Manuel Caldas de Almeida afirma que é um início que "está a cumprir o *business plan*", esperando, no entanto, que o serviço cresça. A saúde mental é um dos eixos prioritários do Plano de Emergência e Transformação da Saúde, recentemente apresentado pelo governo, devido à limitação de respostas no SNS, e "estamos abertos a parcerias e acreditamos que podemos ajudar o Plano de Emergência nalgumas rubricas, nomeadamente neste serviço, que pode funcionar como complemento do serviço público. Um serviço global na área da saúde mental faz falta à população".

Das depressões e ansiedade graves até às situações obsessivas e bipolares

Na base deste serviço de psiquiatria está o acolhimento de "doentes agudos de todas as faixas etárias, a partir dos 18 anos, com problemas de saúde mental", destinando-se sobretudo "a pessoas com perturbações psiquiátricas em fase aguda, às quais sejam identificadas necessidades de internamento", explica a médica Maria João Heitor. E para lá chegar "as portas de entrada são diversas, podendo os doentes ser referenciados pelo seu psiquiatra assistente, por um serviço de urgência privado ou de outro internamento. Também podem ser referenciados pela família ou pelo próprio paciente, mas terão

João Data Franco (*ao centro*) é o coordenador da equipa médica e Rita Avelar uma das médicas que integra desde o início o projeto, como Pedro Freire, enfermeiro-chefe do serviço (*à direita*).

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

sempre de ser avaliados por um psiquiatra do serviço".

Segundo nos explicaram, os internamentos típicos serão de "curta ou média duração e destinam-se a perturbações como depressão, ansiedade grave, esquizofrenia e outras psicoses, perturbação bipolar, perturbações da personalidade, perturbação obsessivo-compulsiva, síndrome de *burnout* grave, adições (dependência do álcool, entre outras), outros problemas de saúde mental". E não serão aceites "internamentos compulsivos".

Quanto ao futuro, Maria João Heitor destaca que " este internamento também recebe doentes para descanso do cuidador e para o futuro está previsto a criação de um hospital de dia para pessoas que já não precisem de internamento mas que, por um lado, necessitam de uma maior estabilização do quadro clínico e, por outro lado, de treino de competências e desenvolvimento de capacidades numa perspetiva de reabilitação psicossocial".

Para já, e como vinca o coordenador da equipa médica, João Data Franco, "o grande desafio é conseguirmos dar resposta a doentes de saúde mental cujo acompanhamento em ambulatório é difícil ou que não está a ter a solução que se idealizou. É fazer uma boa avaliação clínica do doente, dar-lhe um bom acompanhamento médico e depois definir o melhor tratamento para fazer aqui na unidade". E conta que o primeiro doente recebido no serviço esteve internado apenas duas a três semanas. Depois chegou José, que é o que ali está há mais tempo, mas, ao todo, passaram por ali cinco doentes. Ao DN, José Rodrigues confessa que uma das coisas mais importantes de ali estar "é o tratamento ser ao meu ritmo, tanto a medicação como as atividades". E, ao fim deste tempo, já consegue ir a casa. "Já fui o fim de semana passado e vou este também, tenho o apoio dos meus familiares", mas sabe que precisa de "estar aqui mais algum tempo para conseguir recuperar totalmente".

José está a fazer o seu caminho e dele fala sem receio, porque espera que o seu caso possa servir de exemplo, não para mostrar como se é tratado numa unidade privada, mas pela forma como está a recuperar. "Sinto-me melhor, mas vou precisar de mais algum tempo para recuperar totalmente. Estou a adaptar-me aos poucos com o apoio dos meus familiares. E acredito que vou conseguir", desabafa. Se ali está, agradece à irmã, "que fez várias pesquisas na internet à procura de um local como este e em que eu pudesse recuperar". Hoje, assume que nunca imaginou que "pudesse atingir uma depressão com esta dimensão". Por isso, aconselha, "procurem ajuda o mais cedo possível, assim que manifestem sintomas".

anamafaldainacio@dn.pt

Maria João Heitor
Em Portugal, "uma em cada quatro pessoas sofre de doença mental. Não o podemos ignorar"

ALERTA O suicídio é a segunda causa de morte entre os jovens dos 15 aos 29 anos no nosso país. A psiquiatra e professora na Faculdade de Medicina da Universidade Católica Portuguesa diz que os "números devem preocupar-nos", porque há "aumento de certos comportamentos".

ENTREVISTA **ANA MAFALDA INÁCIO**

Portugal é dos países da União Europeia com uma prevalência elevada nas doenças do foro psiquiátrico, mas qual é a dimensão?
Portugal tem cerca de 23% de prevalência anual de perturbações psiquiátricas na idade adulta, uma das mais elevadas da Europa, de facto. Ou seja, quase um em cada quatro pessoas sofre de doença mental. O suicídio é a segunda causa de morte entre os jovens dos 15 aos 29 anos. Estes são números que nos devem preocupar. E durante a pandemia mais de um quarto da população adulta e cerca de metade dos profissionais de saúde reportaram sintomas de sofrimento psicológico, com queixas compatíveis com ansiedade e depressão moderadas a graves e perturbação de stresse pós-traumático. Na população em geral, foram sobretudo mulheres, jovens adultos entre os 18 e os 29 anos, desempregados e indivíduos com mais baixo rendimento que reportaram também estes sintomas. E não podemos ficar indiferentes face ao aumento da ansiedade, depressão, perturbação de stresse pós-traumático, *burnout*, comportamentos aditivos e risco de suicídio.

O que é preciso fazer para mudar esta realidade?
Temos de atuar na comunidade, na informação e sensibilização do público em geral, visando uma maior literacia. Só assim o sofrimento psicológico e os sintomas e sinais precoces de doença mental poderão ser mais facilmente detetados e as pessoas adequadamente encaminhadas, sem medo do estigma e da discriminação. A saúde mental não é apenas a ausência de doença, é, sim, um estado de bem-estar global. Há que identificar fatores de proteção e eventual risco para definirmos medidas de mitigação e recomendações. A manutenção de estilos de vida saudáveis e atividades de lazer, o apoio sociofamiliar e a elevada resiliência são fatores protetores. Os preditores de sofrimento psicológico incluem ser mulher e haver dificuldades na conciliação entre trabalho e família.

Mas, concretamente, o que deve ser feito em algumas áreas?
Temos de investir em todos os setores da sociedade e a múltiplos níveis, porque há áreas que estão em particular risco. A título de exemplo, e porque os cidadãos em idade ativa passam um terço da sua vida no trabalho, é, de facto, fundamental investir na liderança das empresas e outras organizações, informar e formar as equipas no local de trabalho, falar abertamente sobre como evitar fatores de risco e promover fatores de proteção, tal como uma adequada conciliação entre o trabalho e a vida pessoal e familiar. A nível mais individual, considero que se devem implementar medidas que passem por promover hábitos e estilos de vida saudáveis, com higiene do sono, atividade física regular e atenção aos consumos de certas substâncias (álcool, tabaco, café e substâncias ilícitas) e às dependências comportamentais.

E relativamente aos serviços de saúde o que é preciso fazer?
É fundamental a distribuição adequada de recursos multidisciplinares nos serviços de saúde e na comunidade, bem como o alargamento da rede nacional de cuidados continuados integrados de saúde mental para os doentes mais graves. A agilização de mecanismos de financiamento e de contratação de recursos humanos no Serviço Nacional de Saúde e o uso de tecnologias digitais complementares às habituais modalidades nos cuidados de saúde são igualmente medidas necessárias para podermos fazer frente ao aumento da prevalência dessas doenças psiquiátricas, nomeadamente perturbações depressivas e perturbações da ansiedade.

Qual a importância da saúde mental e do bem-estar das pessoas na sociedade em geral?
A saúde mental é um determinante maior para uma boa saúde, pois não há saúde sem saúde mental. Numa época pós-covid, de guerra, crise económica, ameaças ambientais e climáticas, vivemos uma fase de alarme social, com consequências na saúde mental, em particular em grupos vulneráveis, como mulheres, jovens, idosos, pessoas com patologias crónicas, migrantes, refugiados e sem-abrigo.

"A saúde mental não é apenas a ausência de doença, é, sim, um estado de bem-estar global. Há que identificar fatores de proteção e eventual risco para definirmos medidas de mitigação e recomendações."

Há doentes mais jovens com necessidade de acompanhamento?
O que posso dizer é que cerca de metade de todas as doenças mentais emergem antes dos 14 anos e 75% têm início até aos 25. Como tal, é fundamental o investimento quer na infância e na adolescência, quer na fase de transição para a idade adulta, em particular em medidas de promoção da saúde mental e prevenção da doença mental e de tratamento quando o problema já está instalado.

As escolas e outras entidades deveriam ter um papel mais ativo na prevenção destas doenças?
Em primeiro lugar, há que identificar fatores de proteção e eventual risco para definirmos medidas de mitigação e recomendações ao nível biopsicossocial. Uma vinculação precoce segura e a promoção da saúde mental têm de começar a ser trabalhadas desde a infância, nas creches, nos jardins de infância e depois nas escolas, em articulação com as famílias.

Fala-se muito na integração dos doentes mentais crónicos na sociedade. Isso é possível?
Assim como outras pessoas com doenças crónicas estão inseridas na sociedade, também as pessoas com doença mental grave, com cronicidade, podem estar integradas, mas para isso há que investir em programas de reabilitação psicossocial e mobilizar recursos comunitários de habitação, emprego, de lazer e outros, além de respostas de saúde atempadas e adequadas às necessidades.

Considera que ainda existe um estigma associado à doença mental. De que forma se pode ultrapassar ou diminuir?
Falar sobre doença mental é ter de enfrentar estigmas. Há um medo de repercussões negativas, da preocupação e vergonha de que seja visto pelos outros como um "sinal de fraqueza". Muitas vezes é o próprio que tem dificuldade em aceitar o problema e tende a esconder até da família, numa autoestigmatização, outras vezes existe o estigma comunitário. Estas atitudes impedem a procura atempada de ajuda. O estigma é um dos maiores obstáculos para o acesso aos cuidados de psiquiatria e saúde mental. A informação sobre o que é a doença mental e a literacia em saúde mental contribuem para que as pessoas doentes e as suas famílias se sintam menos perdidas e saibam onde procurar ajuda. Quando figuras públicas dão a cara e falam ou escrevem sobre a própria experiência de doença mental, isso ajuda a desdramatizar e faz com que as outras pessoas que também têm uma doença mental consigam partilhar as suas experiências e recorram aos serviços de saúde, públicos ou privados, como em qualquer outra doença.

ANDRÉ KOSTERS/LUSA

Os mais novos propõem medidas concretas aos municípios.

Jovens querem ser envolvidos nas decisões municipais sobre o impacto das alterações climáticas

PEDIDO Foram enviadas cartas às autarquias de Lisboa e do Porto. Propostas medidas para melhorar ambiente.

Dezenas de jovens escreveram cartas aos autarcas do Porto e de Lisboa a pedir para serem incluídos nas decisões municipais sobre o impacto das alterações climáticas e colaborar na criação de "um futuro mais sustentável".

"Concluímos com um apelo à ação imediata de inclusão da juventude nos processos de negociação e decisão para o clima", referem as duas missivas para os autarcas – uma sobre temas do Norte, da Área Metropolitana do Porto e sobre o Porto, e uma semelhante sobre a zona de Lisboa.

Os jovens estão "dispostos e capacitados para colaborar na criação de um futuro mais sustentável e justo para todos", sublinham, mostrando-se disponíveis para agendar sessões de trabalho com os decisores políticos das Áreas Metropolitanas do Porto e de Lisboa. As cartas foram escritas na III Conferência Local da Juventude, que decorreu no sábado, em simultâneo e pela primeira vez de forma descentralizada nestas duas cidades.

Dar mais poder aos jovens e às gerações futuras

As Conferências Locais da Juventude (LCOY) são eventos da YOUNGO, rede global de jovens que representa oficialmente a juventude na Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas.

Nessas, os subscritores referiram que a transição para um território adaptado aos impactos da crise climática e de baixo carbono envolve diversos desafios, sendo um deles "empoderar a juventude e as gerações futuras" para os desafios que terão de enfrentar. Capacitados dos desafios que se impõem ao nível das alterações climáticas, estes jovens querem ter uma palavra a dizer. Por isso os jovens querem ser envolvidos nos processos de tomada de decisão a nível local através da consulta às federações associativistas, organizações, entidades e coletivos jovens.

Impostos reduzidos para serviços comprovadamente ecológicos

Além disso, os subscritores defendem a criação de incentivos públicos para as populações locais adotarem comportamentos mais sustentáveis, sugerindo, a título de exemplo, impostos reduzidos para produtos e serviços comprovadamente ecológicos.

Os grupos de jovens propõem ainda um conjunto de medidas a implementar sobretudo nestas duas áreas metropolitanas, Lisboa e Porto, as maiores do país. Como exemplo, aumentar a rede e a eficiência da recolha de resíduos sólidos, plantar mais árvores junto das paragens de autocarro, desenvolver hortas comunitárias em terrenos não utilizados, criar espaços para jovens ativistas ambientais, incentivar a instalação de sistemas de reutilização de águas cinzentas em residências e empresas ou limitar o tráfego automóvel no centro urbano são algumas das recomendações feitas pelos jovens.

"Temos o poder e a responsabilidade de desviar o curso deste 'meteoro' que são as alterações climáticas evitando uma nova era de extinção, desta vez causada pela ganância e inação. É tempo de reverter esta trajetória com medidas ambiciosas e decisivas", concluíram, decididos a intervir nestas matérias.

DN/LUSA

BREVES

Equipa só para urgências em São José

Perto de 300 profissionais da Unidade Local de Saúde (ULS) São José, em Lisboa, entre médicos, enfermeiros e técnicos superiores de diagnóstico e terapêutica, formam a primeira equipa do país em dedicação exclusiva às urgências.
"É o primeiro Centro de Responsabilidade Integrada do Serviço de Urgência (CRISU) que surge a nível nacional" e entrou em funcionamento a 17 de junho, anunciou à agência Lusa a presidente da ULS São José, Rosa Valente de Matos.
A equipa com 298 profissionais, que irá crescer até 339, conta também com assistentes sociais, assistentes técnicos e assistentes operacionais.
"É uma equipa multidisciplinar, está a funcionar muito bem e penso que da parte dos utentes tem havido grande satisfação, porque é um projeto amplo", salientou a presidente da ULS São José.

Mais acidentes mas menos mortos

Os acidentes rodoviários aumentaram nos primeiros cinco meses do ano, comparativamente ao período homólogo de 2023, mas o número de mortos e feridos graves diminuiu, adiantou este domingo, 23, a Polícia de Segurança Pública (PSP).
Em comunicado, a PSP adiantou que entre 1 de janeiro e 31 de maio houve 22.708 acidentes rodoviários, mais 234 do que no mesmo período em 2023. Desses acidentes resultaram 31 mortos, menos cinco do que o ano passado, e 277 feridos graves, também menos cinco comparativamente a 2023, especificou.
Em contrapartida, o número de feridos sem gravidade aumentou de 6646 para 6737.
Em matéria de fiscalização rodoviária, foram registadas 80.419 contraordenações. Destas, 13.301 foram por excesso de velocidade, o que equivale a 16,5%.

Opinião
Paulo Guinote

O algoritmo

Há cerca de uma semana a UTAO (Unidade Técnica de Apoio Orçamental) produziu, finalmente, o seu estudo sobre a recuperação do tempo de serviço docente, sete meses depois de ter sido pedido pelo grupo parlamentar do PSD.

São mais de 100 páginas que dão uma sensação de complexidade e solidez, apresentando diversos cenários, apoiados em descrições metodológicas e quadros mais ou menos extensos. Haverá quem, perante isso, receie desbravar o que está escrito e é apresentado como facto fundamentado, preferindo replicar o que alguma comunicação social decidiu colocar em destaque.

Claro que o mais imediato foi escrever ou dizer que "em velocidade de cruzeiro", a partir de 2028, o custo (bruto) da recuperação seria de 469 milhões de euros, tendo os mais atentos acrescentado que o valor líquido seria de 202 milhões. Só que essa formulação, nascida do conteúdo do próprio relatório, transmite uma ideia errada do valor em causa, pois esse é o valor total acumulado para o período de 2024-2028, e não o valor anual a partir de 2028. Na página 71 do relatório, no ponto 212, lê-se que a "aplicação da modulação da medida neste cenário 3 implicará a subida da despesa bruta (líquida) com pessoal no ano cruzeiro de 2028 em 469 milhões (202 milhões) face à ausência de medida", mas o valor refere-se à despesa total e não à despesa no ano de 2028.

Alguns profissionais da opinião elaborada a olho e preconceito aproveitaram para escrever coisas como "serão 91 milhões este ano e 490 nos anos seguintes, em velocidade de cruzeiro" (*Expresso*, 21 de junho de 2024, p. 3), numa sucessão de erros factuais que criam uma narrativa ficcional, mistificando a opinião pública.

O Ministério da Educação apressou-se a esclarecer que os seus cálculos são diferentes, explicando que "a diferença resulta da adoção de critérios e cenários diferentes do cálculo do custo, nomeadamente a idade de saída para a reforma", mas não os apresentou em detalhe. Dias depois foi a vez de a ANDE (Associação Nacional de Dirigentes Escolares) apresentar as suas observações sobre o estudo, entre as quais está que "faltam alguns dados primários importantes no aperfeiçoamento do algoritmo da UTAO". Algoritmo que surge no relatório pela primeira vez no ponto 21, onde se pode ler que "adota uma posição moderada, que consiste na reposição a zero do contador de tempo de serviço das pessoas que em 29/02/2024 tinham: mais de 48 meses de tempo de serviço nos escalões 1 a 3 e 7 a 9; mais de 60 meses no escalão 4; [...]".

Como o algoritmo só pode fazer o que lhe mandam, ainda não existindo o "algoritmo-mestre" (cf. Pedro Domingos, *A Revolução do Algoritmo-Mestre*, 2017) que permita ir mais além, todos os cálculos da UTAO desenvolvem-se sobre o pecado original de considerarem que todos os docentes, desde o 1.º escalão da carreira, passaram pelos dois congelamentos e têm todo o tempo em falta por recuperar. O que está longe de ser verdade, porque muitos milhares entraram na carreira mais tarde ou mesmo depois dos congelamentos, pelo que os cálculos estão irremediavelmente inflacionados.

O que significa que mesmo os 18 milhões de euros apontados como encargo líquido para este ano ou os 202 milhões no total até 2028 deverão ser revistos, com o apuramento rigoroso de quem beneficia e o quê com esta recuperação de tempo de serviço. Para que, no fim, a culpa dos erros cometidos seja atribuída apenas ao pobre algoritmo.

Professor do ensino básico.

"Sr. Watson, venha cá, preciso de si." A primeira chamada telefónica transcontinental

CIÊNCIA VINTAGE Em junho de 1914, o último poste telefónico fechava a distância que une dois extremos dos Estados Unidos, entre São Francisco e Nova Iorque. A primeira chamada telefónica transcontinental ocorreria em julho desse ano. Mas o protagonismo coube a Alexandre Graham Bell em janeiro de 1915. Para a posteridade ficou a frase: "Sr. Watson, venha cá, preciso de si."

TEXTO **JORGE ANDRADE**

A 8 de julho de 1776 os cidadãos da cidade de Filadélfia receberam uma convocatória. A urbe fundada em 1682 respondeu ao apelo e escutou as palavras que verteram do documento de declaração de independência das 13 colónias americanas face à Grã-Bretanha. Naquele momento repicou o Sino da Liberdade. Moldado em cobre e estanho na cidade de Londres pela casa Whitechapel Bell Foundry (a mesma que moldaria o Big Ben), a peça, datada de 1752, viria a ecoar em momentos-chave da construção dos Estados Unidos como nação. Em 1837 o sino ressoou em louvor do movimento abolicionista, como também repicara anteriormente, às mortes dos presidentes John Adams e Thomas Jefferson, em 1826, e ao centenário do nascimento de George Washington, celebrado em 1832. Na primavera de 1915 o Sino da Liberdade encetou uma viagem continental de comboio, entre Filadélfia e a cidade de São Francisco, na Califórnia. Uma estirada de cinco mil quilómetros na garupa do cavalo de ferro ao encontro do certame que, entre fevereiro e dezembro de 1915, reuniu 24 países sob o mesmo objetivo. A cidade nascida no século XVIII prestava uma dupla homenagem aos feitos do ainda jovem século XIX. A Exposição Internacional Panamá-Pacífico, fundada nos progressos da indústria e da agricultura, do comércio, da ciência e das artes, celebrava a inauguração do Canal do Panamá. Com 77 km de extensão, a obra de engenharia, inaugurada a 15 de agosto de 1914, ligava as águas dos oceanos Atlântico e Pacífico. França iniciara a construção em 1880, empresa malograda, assumida em 1904 pelos Estados Unidos. A mostra internacional em São Francisco recordava outro feito, o da reconstrução da cidade após o horror do terramoto de 1906. O certame que fez mostra do Sino da Liberdade e de uma linha de montagem automóvel da fábrica Ford foi palco de uma ação de *marketing* que atraiu os olhos e os ouvidos da nação. A 25 de janeiro de 1915 dois homens sentaram-se em dois pontos dos Estados Unidos, apartados milhares de quilómetros. Alexandre Graham Bell, "pai" do telefone, e Thomas Augustus Watson, inventor e assistente de Bell, trocaram palavras através de uma linha telefónica. Em poucos minutos, as vozes dos dois homens transpuseram as alturas das Montanhas Rochosas, galoparam nos cabos telefónicos nas vastas pradarias do Centro-Oeste do país, ziguezaguearam nas ruas das metrópoles em crescimento da costa Leste. Nova Iorque e São Francisco comunicaram diretamente nas palavras de Bell e Watson. A exposição mundial dava o mote oficial à primeira chamada telefónica transcontinental.

Longe do burburinho mediático da ribalta, a verdadeira primeira chamada ocorrera seis meses antes, ainda em julho de 1914. Desta feita na voz do homem que em 1909 se comprometera publicamente em traçar uma linha de comunicação telefónica entre os dois extremos ocidental e oriental do continente norte-americano, o empresário e magnata Theodore Newton Vail.

Quando a Conferência Internacional das Mulheres Trabalhadoras para o Progresso e Paz Permanente arrancou, a 4 de julho de 1915, no seio da Exposição Internacional Panamá-Pacífico, já a América havia acomodado a ideia de um serviço telefónico de extensão continental, estabelecido em janeiro desse ano. As 500 delegadas dos Estados Unidos e 11 países convidados debateram até 7 de julho, sob a tutela de May Wright Sewall, educadora e feminista nascida em 1844, militante pelo direito das mulheres ao sufrágio. Na linha telefónica estendida entre São Francisco e Nova Iorque viajavam as notícias saídas do encontro de mulheres: "A necessidade de a humanidade despertar para uma compreensão mais intensa dos perigos que ameaçam acabar com a civilização", afirmavam os autos do encontro. Longe, a Europa desmembrava-se sob o primeiro conflito mundial. Mais discretas também navegavam as novas a propósito de uma delegação europeia à exposição mundial. Portugal, sob os auspícios da presidência de Manuel de Arriaga, organizara uma comitiva para se apresentar em São Francisco. O pavilhão luso, de inspiração manuelina, dava mostra do património nacional à boleia de fotografias em grande formato, também das artes, com a presença de obras de notáveis como José Malhoa e da singeleza dos bordados tradicionais da Madeira. Uma mostra que não esquecia os Descobrimentos, materializados na estatuária. As estátuas do Infante D. Henrique e Pedro Álvares Cabral integravam uma representação de 10 esculturas e 134 pinturas a óleo. Assim nos dá nota o livro *Manuel de Arriaga e a Construção da Imagem da República*, coordenado por Maria João Neto, docente no Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Alexander Graham Bell (ao centro na imagem de baixo) pouco antes de fazer a primeira chamada telefónica transcontinental entre Nova Iorque e São Francisco. Na imagem de cima, o momento do contacto com Thomas Augustus Watson.

Para o sucesso mediático da linha telefónica transcontinental em mostra na exposição de São Francisco contribuíra uma figura maior das telecomunicações norte-americanas no século XIX, início do século XX, Theodore Vail, nascido em 1845, fundador e presidente da American Telephone and Telegraph Company (AT&T). Em 1885, a rede telefónica de longa distância estendia o seu braço a partir da cidade de Nova Iorque. Sete anos depois a linha tocava na cidade de Chicago e em 1899 avançou rumo a oeste, para, no ano de 1911, alcançar a cidade de Denver, no Estado do Colorado. Até 1871, uma linha telefónica de longa distância afigurava-se uma impossibilidade devido a constrangimentos técnicos. O pioneiro da eletrónica, Lee de Forest, haveria de entregar nas mãos dos engenheiros da AT&T a solução com a invenção a que chamou "Audion", um inovador tubo de vácuo. À medida que o sinal de voz viajava pelos fios, este enfraquecia naturalmente. Agora, sempre que atingia um Audion, o sinal era aumentado e prosseguia o seu caminho. A 17 de junho de 1914, após a instalação de linha telefónica transcontinental, estava aberto o caminho para a primeira chamada. Coube a Theodore Vail as honras dela – um sucesso, embora sem repercussão mediática. O palco para a primeira chamada transcontinental estava reservado às palavras de Graham Bell. A partir de São Francisco, o inventor repetiu a frase tornada célebre em 1876 aquando da primeira chamada telefónica em Boston: "Sr. Watson, venha cá, preciso de si", ao que obteve como resposta, a partir de Nova Iorque: "Vou levar cinco dias para aí chegar." Uma conversa inaugural que contou com testemunhas. O presidente norte-americano Woodrow Wilson assistiu à troca de palavras. Mais tarde falaria, a partir da Casa Branca, para uma audiência em São Francisco. Sobre o feito, referiu Woodrow Wilson: "É um apelo à imaginação falar a todo o continente."

Funcionários envolvidos dizem que só mudariam para trabalho de cinco dias se recebessem mais 20%.

Semana de quatro dias beneficia mais trabalhadores com baixos salários

RELATÓRIO Projeto-piloto envolveu 41 empresas e mais de mil trabalhadores, com vantagens reconhecidas por patrões e funcionários. Investigadores recomendam plano a 10 anos para tornar os quatro dias a norma, com envolvimento das grandes empresas e benefícios fiscais a PME.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

A semana de quatro dias pode funcionar em todos os setores, sendo as mulheres e os trabalhadores com salários e qualificações mais baixas os mais beneficiados. A conclusão é do relatório final do projeto-piloto que hoje é apresentado, destacando que, em geral, os trabalhadores com formação académica superior "têm acesso ao teletrabalho e maior autonomia na gestão das suas horas" e que os que auferem mais de 1100 euros "têm mais recursos para adquirir tempo livre, seja contratando empregados domésticos ou encomendando refeições já preparadas". O estudo envolveu 41 empresas e mais de mil trabalhadores. Destas, só quatro regressaram ao modelo da semana de cinco dias no final do teste.

"A semana de quatro dias é uma prática de gestão legítima e viável que proporciona benefícios operacionais às empresas, como melhor ambiente de trabalho, redução do absentismo e aumento da atratividade no mercado de trabalho", pode ler-se no relatório a que o DN/Dinheiro Vivo teve acesso. No entanto, reconhecem os investigadores Pedro Gomes, da Birkbeck – Universidade de Londres, e Rita Fontinha, da Henley Business School, esta é uma mudança que, para ser bem-sucedida, requer uma "reorganização profunda".

Realizado ao longo de 2023, o estudo incluiu 41 empresas, que adotaram diferentes formatos" da semana de quatro dias, sendo que 21 destas juntaram-se, desde junho e durante seis meses, a 20 que adotaram esta prática já antes disso. No total, houve 120 empresas de diversos setores e regiões a manifestar interesse na primeira fase do estudo, a de divulgação e sensibilização, mas acabaram muitas a desistir ou adiar a implementação do teste por "desafios diversos", designadamente a incerteza gerada pela instabilidade política internacional e a inflação elevada.

Houve casos de multinacionais interessadas que não obtiveram aprovação da sede. Curiosamente, nas organizações que avançaram para a segunda fase do teste-piloto propriamente dito, 55% são lideradas por mulheres, "o dobro da incidência no universo empresarial português, onde apenas 27% dos cargos de liderança são ocupados por mulheres". O que levou os investigadores a concluir que estas "manifestam maior abertura à ideia" do que os líderes masculinos.

Embora houvesse empresas de 12 distritos, a maioria está localizada em Lisboa e Porto, sendo de pequena dimensão, com menos de 20 trabalhadores. Educação, saúde, indústria e consultoria são algumas das áreas representadas. Só uma organização, uma creche, precisou de aumentar o número de trabalhadores em 4,5% para realizar o teste. A semana de quatro dias permitiu uma redução horária, em média, de 13,7% e para 40% dos gestores gerou poupanças a nível de consumo energético e de consumíveis. Reduções no absentismo, aumento na capacidade de recrutamento e diminuição na rotação de funcionários são outras da melhorias reportadas pelos gestores.

> "A semana de quatro dias iria melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores, mas, bem executada, pode também impulsionar a produtividade, satisfação e inovação nas empresas."

Da parte dos trabalhadores, é indicada uma "evidente redução" da exaustão e desgaste, bem como dos sintomas negativos de saúde mental. Além da melhoria da saúde mental e física, destacam o melhor equilíbrio entre trabalho, família e vida pessoal. Consequentemente, dizem-se mais satisfeitos com o trabalho e a vida em geral. Indica ainda o relatório que os trabalhadores valorizam este benefício em 28% do salário, sendo que "o valor atribuído à semana de quatro dias é maior em mulheres, trabalhadores com filhos, com salários inferiores a 1100 euros e com mais baixas qualificações". 93% dos trabalhadores gostariam de continuar a trabalhar quatro dias por semana.

O impacto positivo nos colaboradores é uma vantagem competitiva da empresa no mercado de trabalho, porque a maioria diz que só consideraria mudar para um emprego com semana de cinco dias se lhe pagassem mais 20% do que ganham atualmente.

E se é verdade que os resultados agora obtidos "não podem ser generalizados", uma vez que o projeto-piloto incorporou apenas empresas que se voluntariaram para o efeito e, por isso mesmo, não justificam a implementação da medida por imposição legislativa, os investigadores acreditam que a semana de quatro dias "representa um objetivo promissor", e por isso delinearam um plano, ancorado em três eixos, com propostas concretas, para que esta possa ser uma realidade dentro de 10 anos, um prazo escolhido de modo que os grandes passos neste percurso coincidam com momentos de eleições. "A decisão que tomamos coletivamente de quantas horas queremos trabalhar é uma escolha que devemos fazer enquanto sociedade, bem informados sobre os custos e os benefícios", defendem.

A primeira fase, a decorrer até 2028, é a da experimentação, envolvendo as grandes empresas e as suas comissões de trabalhadores, conduzindo um teste-piloto no setor público e realizando experiências setoriais e regionais "com o envolvimento de sindicatos, associações e autoridades locais". Mais difícil poderá revelar-se a sugestão de ser realizada uma experiência nacional de "alteração da data de todos os feriados ao longo de um ano, concentrando-os nas sextas-feiras dos meses de abril, maio e junho desse ano".

O segundo eixo é o dos incentivos, e contempla medidas como o acesso facilitado ao trabalho a tempo parcial ou como benefício para pais com filhos pequenos ou para trabalhadores perto da idade de reforma. Do lado das empresas são sugeridos incentivos fiscais a setores tradicionais que adotem a semana de quatro dias em sede de negociação coletiva e a pequenas e médias empresas (PME). Os benefícios poderão ser fiscais ou de "alívio de regulamentações burocráticas".

Por fim, os autores sugerem que devem ser incluídas disposições no Código do Trabalho que regulamentem a semana de quatro dias, implementada legislação laboral sobre limites máximos de horas semanais, "começando com grandes empresas", e promovidas iniciativas a nível europeu para a redução do tempo de trabalho em colaboração com outros países-membros da UE.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Roberta Manso considera que a entrada de mais professores imigrantes nas escolas é positiva.

O caminho da equivalência na voz de três professoras brasileiras

CARREIRAS Para suprir a falta de professores, Governo poderá recrutar estrangeiros. Enquanto os detalhes não são anunciados, o DN Brasil traz os testemunhos de quem encarou a "validação".

TEXTO **CAROLINE RIBEIRO**

A empolgação de Roberta Manso quando fala sobre a Escola Secundária Padre Alberto Neto, em Queluz, na região metropolitana de Lisboa, é contagiante. Durante um passeio com a reportagem do DN Brasil pela escola, agora praticamente vazia pelo fim do ano letivo, a professora de matemática conta, orgulhosa, sobre momentos de interação com os alunos. "No dia do patrono, o padre que dá nome à escola, fizemos algo diferente. Alunas indianas apresentaram um número de dança típica, com os trajes, e eu disse que queria estar vestida também", conta Roberta, ressaltando que a iniciativa foi uma forma de integrar de maneira mais efetiva os estudantes, que ainda não dominam a língua portuguesa. Perfil, aliás, de muitos alunos atualmente, segundo a professora. "Há cada vez mais turmas de imigrantes. E professores também".

Roberta fez a licenciatura plena em matemática na Universidade Estadual da Paraíba. Em 2001, com a mudança para Portugal, logo iniciou o processo para poder lecionar. Primeiro, recorreu à Universidade de Lisboa. Apresentou todos os documentos solicitados, "até simples, mas não aceitaram. Aí procurei a Universidade Lusíadas, em Belém. Foi diferente. Me pediram até documentos autenticados no cartório da minha terra e aqui no consulado".

Roberta recebeu nesta segunda tentativa a equivalência da maior parte das disciplinas, mas ainda precisou cursar cinco cadeiras para obter a validação. Processo que levou três anos, já que as disciplinas não abriam em todo semestre. Depois de concluir as cadeiras, a paraibana passou para o estágio obrigatório, mais um ano. "Era numa escola em Mafra, vivendo em Lisboa". Conta que tudo valeu a pena. "Estou realizada e amo o que faço".

"Eu não me via em outra área de trabalho além da qual me formei. Valeu a pena todo o processo. Estou realizada e amo o que faço", diz Roberta Manso.

Processo longo

Patrícia Lopes trocou o Rio de Janeiro por Portugal em 1999, mas só em 2004 resolveu avançar com a validação. Assim como Roberta, não teve o diploma totalmente validado e precisou cursar um ano na Universidade de Coimbra. Atualmente, a professora de informática é coordenadora de ações de formação no Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP). Além da própria experiência, e por trabalhar, também, com quem procura o IEFP para cumprir requisitos em busca de reconhecimento de graus acadêmicos e validação de diplomas, Patrícia sabe que o processo pode ser longo e desafiador. A carioca conta que, hoje, para um estrangeiro lecionar em Portugal, depois de validar o diploma junto a uma universidade, o que sempre exige que o candidato complete disciplinas em falta, é preciso terminar com especialização e mestrado. "A pessoa tá perdendo uns quatro anos e ainda está sujeita ao Estatuto do Estudante Internacional, pagando mensalidades mais altas. É um processo ainda complicado. Mais valia fazerem a equivalência da licenciatura quando comprovamos que somos formados e nos passarem logo para fazer um mestrado", explica ao DN Brasil.

Ainda assim, a professora considera que a proposta, mesmo sem detalhes, é positiva, não só pela contratação dos estrangeiros, mas pela promessa de melhoria da educação em geral. Patrícia até conta ter vontade de retornar ao ensino nas escolas. "Eu muitas vezes andava 110km pra cima e pra baixo. Vivia em Viseu e tinha que ir para a escola em Foz Côa. Fazia isso todos os dias, eu pagava pra trabalhar. Mas fazia porque precisava de tempo de serviço. Muitos, como eu, andavam com a casa nas costas. Aos poucos, fui perdendo o gosto", diz ao relembrar os tempos em escolas básicas e secundárias.

Cenário que afasta

Foi por se deparar com as dificuldades no setor que Erika Aragão decidiu não avançar com a validação. Em Portugal desde 2020, a professora de espanhol veio do Canadá, onde morou depois de sair do Brasil. "Cheguei a iniciar o processo. Aqui existem até empresas especializadas para cuidar disso. Vi o valor, que triplica, mas eles dão a garantia que vai sair. Mas quando vi que o que eu ia ter que passar pra receber o que iria não, valia a pena. Eu não ia ter a liberdade para ensinar, seguir o que acredito", destaca ao DN Brasil.

A Direção-Geral do Ensino Superior (DGES) diz, em seu site, que os valores para o procedimento são responsabilidade da instituição que fará a equivalência, mas podem rondar os 500 euros. "Um ano atrás, quando cheguei a estar em uma escola durante o processo, recebia por hora de aula 10,38 euros. No Canadá, eu ganhava 25 dólares. Quem fazia horário cheio aqui, de segunda a sexta, recebia pouco mais do que o salário mínimo. O máximo que recebi foi 400 euros. Fui sincera com a direção e disse que não ia avançar. Já vinha de uma experiência de trabalho no Brasil, cheguei a algo melhor no Canadá, mas aqui tive que me reinventar", conta Erika.

Hoje, a professora aposta nas redes sociais e dá aulas de espanhol particulares. Ainda que não tenha se inserido plenamente no sistema, considera que a contratação dos estrangeiros pode ser bom se houver mudanças. "Se eles continuarem com as mesmas exigências vão ter mais dificuldade em recrutar, mas a carência é enorme. Não sou contra os requisitos, mas é preciso abrir um pouco mais".

caroline.ribeiro@dn.pt

Forró, milho cozido e cultura unem brasileiros e portugueses em Braga

FESTA São João brasileiro em "Braguil" superou as expectativas dos organizadores. Foram três noites de casa cheia, todas as comidas típicas vendidas e muita integração. Em 2025 tem mais.

TEXTO **AMANDA LIMA** FOTOS **MIGUEL PEREIRA**

Alegria, saudade, memória afetiva e nostalgia foram algumas das palavras utilizadas para descrever o primeiro São João brasileiro em Braga, realizado durante três noites no fim de semana. As diversas barracas de comidas típicas, todas de imigrantes brasileiros empreendedores, esgotaram o cardápio nas três noites. Como prometido pelos organizadores, a festa parecia mesmo como se estivesse acontecendo no Brasil. Não é à toa que a cidade ao norte de Portugal é conhecida como "Braguil".

Mas o evento não reuniu só os brasileiros que moram em Braga. Muitos imigrantes vieram de outros municípios exclusivamente para dançar forró e matar a saudade do sabor brasileiro no São João. É o caso da curitibana Ana Letícia, que foi do Porto para festejar com o marido e um casal de amigos. O quarteto dançou muito forró e aproveitou as comidas. "Comi crepe, bolo de rolo, queijo coalho, escondidinho de carne seca", conta a brasileira ao DN Brasil. Os nordestinos se sentiram ainda mais em casa. Luísa Prado, de 63 anos, natural de Fortaleza, no Ceará, disse que foi como realmente estar em uma festa de São João no Brasil. "Já estava com muita saudades das músicas, está muito animado", relata. Luísa viajou de Viana do Castelo com um grupo de amigas para celebrar e foi vestida à caráter, até mesmo com chapéu de cangaceira. A brasileira mora em Portugal há 17 anos, mas mantém o amor pela cultura nordestina e o sotaque da terra natal.

Fátima Sena, de 70 anos, também foi de Viana do Castelo para festejar o São João. "Era muita saudade das nossas músicas e comida", explica a imigrante, natural de Belém do Pará e residente em Portugal há dois anos. O forró foi o soberano e conquistou até quem não está habituado com o estilo. "Contagia", admite o português João Machado, morador de Braga. Para quem não sabia como dançar, a professora Catarina Oliveira ensinou. Catarina é portuguesa e viveu muitos anos no Brasil, onde aprendeu o ritmo. Hoje, dá aulas de forró e outros estilos brasileiros . "Temos metade dos alunos portugueses, que dançam muito bem o ritmo", conta ao DN Brasil. Catarina também comandou a quadrilha, que despertou a memória afetiva das festas juninas, especialmente das apresentações escolares. Esse era um dos objetivos da festa, considerada um sucesso pelos organizadores. "Estamos muito felizes, deu tudo certo", avalia o produtor cultural. A festa envolveu 100 profissionais.

Quem vê o sucesso do arraial não imagina os desafios para que este e outros eventos fossem realizados na cidade. "É o resultado de muito esforço e desenvolvimento de relações ao longo de quatro anos. A maior parte dos espaços em Braga nos fecham a porta, acham que festa que envolve brasileiros é só bagunça, mas, felizmente, estamos provando o contrário", conta o imigrante.

Quem concorda é o artista Bemvindo Siqueira, que mora em Braga. O primeiro ator registrado do Brasil foi o patrono da festa e é um promotor da integração cultural. "É o Brasil dançando e cantando junto com os portugueses. A vida de imigrante não é fácil, mas a gente tá junto e misturado, com muita garra e alegria no São João", discursou sob aplausos do público, que já está ansioso pela festa de 2025 em Braga. Os organizadores afirmam que a segunda edição do São João já está nos planos, além de outros eventos ainda neste verão.

amanda.lima@dn.pt

Todos dançaram quadrilha no São João brasileiro em Braga.

Fátim Sena e a família. Vieram de Viana do Castelo para curtir a festa. (*Confira as demais fotos da festa em www.dnbrasil.dn.pt*).

LISBOA É BRASÍLIA NESTA SEMANA

Parece Brasília, mas é Lisboa. A semana começa com uma série de eventos que trazem a Portugal algumas das principais autoridades do Brasil. Uma delas é a ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, que desembarca hoje no país. Vai assinar um memorando de entendimento com o Observatório do Racismo e da Xenofobia, na Universidade Nova de Lisboa. O assunto começou a ser debatido na cúpula entre Brasil e Portugal ainda no ano passado. O DN Brasil sabe que, com o aumento dos casos e da repercussão destes crimes em Lisboa, a assinatura ganhou mais urgência.

Também hoje em Lisboa começa o workshop Investimentos e Tributação, promovido pelo Fórum de Integração Brasil Europa (FIBE). O evento tem painéis e mesas redondas, com foco em negócios e troca de experiências. Além de políticos como o senador Angelo Coronel e o ex-senador Romero Jucá, participam nomes do circuito acadêmico, como Paulo Ayres Barreto e Edilberto Pontes. O evento é aberto, mediante inscrição pelo site do FIBE.

A terceira agenda que reúne diversas autoridades é o 12.º Fórum Jurídico de Lisboa, de quarta até sexta. Entre os políticos confirmados, estão vários dos cotados à presidência nas eleições de 2026, como Ronaldo Caiado, governador de Goiás, e Tarcísio de Freitas, de São Paulo. Eduardo Leite, governador do Rio Grande do Sul e Cláudio Castro, governador do Rio de Janeiro, também estão na lista de confirmações. Do STF participam seis ministros: Alexandre de Moraes, Cristiano Zanin, Flávio Dino, Kássio Nunes Marques, Gilmar Mendes e o presidente Luís Roberto Barroso. O evento na Universidade de Lisboa é aberto ao público, com entrada livre. As inscrições devem ser feitas no site do fórum. Haverá também transmissão online de toda a programação.

DN BRASIL
É um suplemento do DN que circula todas as primeiras segundas de cada mês, um *site* com atualização diária e páginas de atualidade no DN, sempre escrito em português do Brasil.

Céline Spector

"Macron comportou-se como Napoleão e agora enfrenta o seu Waterloo"

FRANÇA Em Lisboa para a 12.ª Conferência do Standing Group on the European Union, do European Consortium for Political Research, organizada pelo Instituto Português de Relações Internacionais na NOVA FCSH, Céline Spector analisou os resultados das europeias e os desafios da UE. A filósofa e professora na Sorbonne falou ainda ao DN das legislativas antecipadas em França, destacando as fragilidades da aliança das esquerdas, a incapacidade de Macron para encontrar um sucessor e como Marine Le Pen desdiabolizou a extrema-direita e virou o estigma contra o presidente.

ENTREVISTA **HELENA TECEDEIRO**

As europeias de 9 de junho não trouxeram o *tsunami* de extrema-direita que se temeu, os grupos tradicionais mantiveram a maioria no Parlamento Europeu. Mas não deixou de haver uma subida da direita radical. É sintoma de um mal-estar no continente europeu?
É um fenómeno que observamos em quase todas as democracias ocidentais, sobretudo na União Europeia (UE), e que na minha opinião tem múltiplas causas. Existe, ligado às diversas crises que a UE tem vivido ao longo de vários anos, um receio de degradação. E isso é uma força motriz por trás de um voto bastante radical, mais a favor da extrema-direita. Há ainda uma insegurança cultural, além da insegurança económica, que não deve ser minimizada. O que dizem os franceses que votaram agora pela primeira vez no Rassemblement National [RN, ex-Frente Nacional] é que têm a perceção de uma nova forma de insegurança, ligada, entre outros, ao tráfico de droga, às violações, à violência. E esta sensação encontra eco nos *media*. Além disso, tem havido agressões específicas contra professores considerados como republicanos, como Samuel Paty [assassinado em 2020]. Professores sobretudo de História e Geografia, que, pelas suas funções, abordam assuntos considerados sensíveis por algumas pessoas. E isso teve um impacto enorme na opinião pública, o que pode ter levado regiões como a Bretanha, que antes pouco votavam no RN, a colocarem a lista da extrema-direita em primeiro. Portanto, acho que temos de ter em conta que há fatores económicos, culturais, e, de maneira mais geral, este receio da degradação que se junta à inflação e à redução do poder de compra, mais do que motivações de tipo racista ou xenófobo.

Em França, a extrema-direita ganhou as europeias com grande vantagem, mas em Portugal, por exemplo, a extrema-direita subiu muito nas legislativas, mas menos nas europeias. Há uma diferença de mentalidade quando se vota para o Parlamento nacional e para o Parlamento Europeu?
Não sou especialista nessa área, mas é verdade que hoje, se considerarmos a extrema-direita num sentido lato, ou seja, o grupo dos Conservadores e Reformistas (ECR) e o Identidade e Democracia (ID), mais alguns não inscritos, como a AfD, que foi expulsa do ID mas talvez volte, uma vez que se tratou de uma estratégia de desdiabolização do RN, juntando todos obtemos quase um quarto do Parlamento. É ao mesmo tempo muito, mas menos do que tememos a certa altura. E penso que uma parte deste voto está ligada não só aos receios da imigração em massa, mas também ao Green Deal e à legislação ecologista. Há uma correlação clara entre o ceticismo climático e o voto da extrema-direita, entre a oposição às medidas antidiesel, anticombustíveis, que não têm em conta o poder de compra dos cidadãos. Dizer a alguém que vive numa zona rural, onde não há transportes públicos, para ter um carro elétrico é um pouco como quando Maria Antonieta disse ao povo "se não têm pão, comam brioche". Há uma parte da população que está zangada com a diminuição dos serviços públicos, e, se juntarmos a isto a fúria contra as regulações ambientais, é um problema que a UE vai ter de resolver nos próximos anos. Se quisermos ser ambiciosos do ponto de vista do Green Deal, temos de repensar a relação entre justiça social e justiça ambiental, para evitar este bloqueio reacionário, que, de outra forma, nos irá destruir.

> *"Há uma correlação clara entre o ceticismo climático e o voto da extrema-direita [...] Dizer a alguém que vive numa zona rural, onde não há transportes públicos, para ter um carro elétrico é um pouco como quando Maria Antonieta disse ao povo 'se não têm pão, comam brioche'."*

Guerra na Ucrânia, ingerências estrangeiras, a possibilidade de Trump voltar ao poder nos EUA... Todos estes perigos ameaçam a democracia europeia quando ela precisava de ser mais forte?
Num certo sentido, sim. As ameaças são, ao mesmo tempo, externas e internas. Internamente, há vários anos que a questão da proteção do Estado de direito se coloca com acuidade. Para mim, a melhor notícia na UE nos últimos anos foi a vitória de Donald Tusk na Polónia e o facto de o PiS se ver desalojado do poder que ocupou durante oito anos, depois de ter implementado uma política de controlo dos meios de comunicação social, de redução do pluralismo, de amordaçamento parcial da sociedade civil e, sobretudo, de pôr em causa a independência do poder judicial. Isto faz com que a coligação entre a Hungria e a Polónia já não possa ter lugar. E mesmo que existam outros pequenos países a aderir ao bloco iliberal, não é à escala da Polónia. Portanto, a importância estratégica e política da Polónia na UE dá-me um pouco mais de confiança do ponto de vista interno. Do ponto de vista externo, estamos numa situação muito delicada. O que se deve, em particular, à interferência política e à desinformação vindas da Rússia e, em menor medida, de outros países. A China, o Qatar, com o escândalo do Qatargate, talvez Marrocos. E tivemos outros países que também tentaram. As tentativas de desestabilizar a democracia na Europa são extremamente poderosas e temos sido relativamente ingénuos relativamente a elas. Penso que agora a confiança aumentou, especialmente após estes repetidos escândalos no Parlamento Europeu. Compreendemos o perigo, mas não tomámos necessariamente medidas suficientes. Depois do Qatargate, Roberta Metsola anunciou uma bateria de medidas, mas aparentemente não são todas aplicadas. Há um certo número de obstáculos para implementar todas as medidas éticas e políticas necessárias para combater a corrupção e o peso dos *lobbies*.

Ainda sobre a Europa, antes de ir a França. Fala-se num novo alargamento. Como é que uma UE com 30 ou 35 nações, com interesses, com valores e lealdades muito diferentes, vai conseguir manter-se unida?
Penso que desde 2004, com a integração dos países da Europa Central e Oriental, tem-se colocado a questão de saber se o alargamento ocorreu às custas do aprofundamento das instituições. As instituições que planeámos a seis, depois a nove, a 12, mesmo que fosse a 40, não deveriam enfrentar ataques à democracia e ao Estado de direito. Também não deveriam enfrentar

RITA CHANTRE / GLOBAL IMAGENS

opções tão diferentes em termos de política externa, sabendo que a UE está a tornar-se cada vez mais geopolítica. A questão da Europa da defesa surge novamente. Que haja uma divergência de interesses e valores em termos de política externa parece-me inevitável, e sê-lo-ia mesmo a 27, e teria sido a 15 ou mesmo a 6. Por outro lado, é aqui que volto ao aprofundamento das instituições. Houve um grupo de trabalho franco-alemão que se reuniu para pensar na forma como poderíamos reformar as instituições para evitar tornar a UE totalmente ineficaz na ótica de um alargamento a 30 ou 35. E fizeram propostas muito interessantes. Dizem, por exemplo, que em termos de política externa e de segurança comum parece difícil manter a regra da unanimidade no Conselho. Em segundo lugar surge a questão do papel do Parlamento Europeu em termos de controlo democrático da política externa e de segurança comum. Porque o Parlamento é um pouco o parente pobre. A UE tem dado mais poder à Comissão e ao Conselho. O Parlamento contenta-se com declarações de princípio, e isto também ameaça o equilíbrio das instituições, o triângulo institucional. É algo em que precisamos pensar. Na situação de vulnerabilidade que é a nossa, como evitar a deriva executiva, ou seja, responder ao ressurgimento dos impérios com um aumento do poder executivo? Esse é um assunto para os próximos anos.

Em França, e na sequência da vitória do RN nas europeias, o presidente Macron dissolveu a Assembleia Nacional e convocou eleições legislativas. Qual foi o objetivo político desta decisão?

Se a decisão pode ter sido totalmente impulsiva, uma reação ao orgulho ferido ao ver-se derrotado, uma forma de reacelerar o ritmo, de fazer esquecer essa derrota e retomar o controlo ao tornar-se novamente dono do relógio – o que é uma interpretação um tanto superficial, mas não completamente errada –, acho que temos de analisar isto em termos maquiavélicos também. Vejo Emmanuel Macron como uma espécie de príncipe maquiavélico que tenta enganar a sorte fazendo o que Maquiavel chamou de golpes. Golpes de autoridade que apanham o povo e a elite de surpresa – os grandes e o povo. E, finalmente, graças à sua audácia e a esta assunção de riscos tenta ser sempre o dono do jogo. A ideia era retomar o controlo como um príncipe maquiavélico. Ele quis deixar o povo atónito e atordoado e, de facto, houve um efeito de espanto. Mas o que era suposto ser um golpe de mestre revela-se agora uma armadilha. Ele não esperava a aliança-relâmpago, uma espécie de *Blitzkrieg*, que aconteceu na esquerda; ele queria fraturar a direita e isso ele conseguiu, com as divisões entre os que querem e os que não querem aliar-se à extrema-direita. Tanto as reações nacionais como internacionais a esta dissolução consideram que foi uma péssima ideia, que ele está a brincar com o fogo. Os franceses, tal como os parceiros europeus de Macron, estão muito zangados, e muitos não lhe perdoarão. Na esquerda moderada, como numa direita moderada, que estaria disposta, talvez, em caso de duelo, a votar a favor do candidato da maioria presidencial, creio que há muitas pessoas que se irão abster, que não votarão a seu favor, porque não perdoam ter brincado com as instituições e ter precipitado uma falsa campanha eleitoral, porque não há tempo para fazer uma campanha democrática em tão pouco tempo. O discurso foi que estava a agir em nome do povo, para dar ao povo todos os seus direitos, mas as pessoas percebem que não se trata realmente de dar poder ao povo, já que a campanha não é suficientemente longa para ser verdadeiramente democrática.

Durante muito tempo habituámo-nos a ver uma frente republicana contra a extrema-direita em França. Isso já não existe?

Está a acontecer em França o que aconteceu na Suécia e noutros países da UE, ou seja, a ideia de um cordão sanitário, de uma frente republicana, dissolveu-se e a extrema-direita, que antes era ostracizada, entrou no jogo normal da vida política democrática. Houve vários fatores que contribuíram para tal. Surgiu em França um partido de direita ainda mais radical, o Reconquista!, de Éric Zemmour, que defende a ideia da grande substituição e tem posições mais xenófobas que o RN, que, de facto, se desdiabolizou sob a égide de Marine Le Pen

> *"O que Marine Le Pen conseguiu foi passar a imagem de uma personalidade calorosa e próxima das preocupações dos franceses mais vulneráveis, mais modestos, os que sofrem mais com a inflação. Ela conseguiu diabolizar a pessoa que queria diabolizá-la."*

E ainda mais com Jordan Bardella?

Ainda mais com Jordan Bardella, que conseguiu os melhores resultados, sobretudo entre os jovens. Um terço dos jovens franceses votou RN, porque Bardella fez uma campanha de proximidade no TikTok, porque se apresenta como uma *rock star*, porque os comícios do RN são quase discotecas, há uma espécie de ritualização festiva que funciona. Ele próprio parece muito simpático, filho de imigrantes, de famílias modestas, criado em Seine-Saint-Denis – tudo isso seduz uma parte da população que se sentiu desprezada pela arrogância tecnocrática da atual maioria presidencial. Temos, portanto, uma série de fenómenos que fazem com que o cordão sanitário desapareça e que o RN, que se comportou de forma muito diferente da França Insubmissa (LFI, na sigla em francês) na Assembleia Nacional na última legislatura, ganhe uma espécie de respeitabilidade no seio das instituições – já não é um pária.

A esquerda juntou formações muito diferentes na Frente Popular. Acha que vai resistir unida?

É óbvio que esta união é extremamente frágil e começa já a mostrar algumas fissuras e acho que toda a gente tem consciência disso. Quem votou em Raphaël Glucksmann nas europeias, que foi alvo de ataques infames da França Insubmissa, de uma campanha antissemita violentíssima, quem votou nele dificilmente se reconhece nos excessos da LFI. E mesmo dentro deste partido, depois de uma purga na própria noite das europeias, há divisões. Portanto, há todas as razões possíveis para que o programa comum – que é real, tem 150 propostas, inclusive medidas sociais, aumento do salário mínimo, regresso ao debate sobre a idade da reforma – não resista às brigas pessoais. O que foi muito hábil na criação do programa comum é que eles conseguiram ir para além dos seus desentendimentos, por exemplo, na questão nuclear ou no conflito israelo-palestiniano. Conseguiram ultrapassar os desacordos e chegar a pontos de acordo suficientes para que a Frente Popular ressuscite a esperança e agregue o voto contra o inimigo absoluto que era tradicionalmente o RN. Mas percebe-se que esta união programática dificilmente aguentará, sobretudo quando se colocar a questão de quem deve ser o primeiro-ministro. Também é difícil imaginar que as próximas reviravoltas da política externa, inclusive o conflito israelo-palestiniano, não tragam novos desacordos. Além de que, se a Frente Popular vencesse e tentasse aplicar estas medidas, haveria logo uma queda dos mercados, um aumento dos *spreads*. Ficariam sob ataque, sobretudo numa altura em que a dívida pública é tão elevada e em que a França é alvo de um procedimento por défice excessivo por parte da Comissão Europeia.

Falamos de legislativas, mas os olhos já se viram para as presidenciais de 2027. Marine Le Pen já se apresenta como candidata, mas como é que se explica o fracasso de Macron para criar um sucessor para o macronismo?

Hoje fala-se em "macronia", inventámos este termo para designar uma espécie de oligarquia tecnocrática um pouco arrogante, que opera entre si, numa câmara de decisão muito masculina e muito fechada. A razão pela qual um movimento que não tinha vocação imediata para se transformar num partido político conseguiu uma rede territorial tão poderosa como a dos outros partidos, mas não conseguiu criar sucessores dignos do nome para Emmanuel Macron, não deixa de ser um exercício solitário de poder. Emmanuel Macron comportou-se um pouco como Napoleão e hoje enfrenta o seu Waterloo.

Nesse cenário, Marine Le Pen impõe-se?

O que Marine Le Pen conseguiu foi passar a imagem de uma personalidade calorosa e próxima das preocupações dos franceses mais vulneráveis, mais modestos, os que sofrem mais com a inflação. Ela conseguiu diabolizar a pessoa que queria diabolizá-la. E é uma inversão do estigma que faz parte de uma estratégia que ela conseguiu implementar, mostrando-se com gatos, mostrando-se com flores, mostrando-se numa espécie de terapia de carinho nos mercados, entre os franceses, numa espécie de atitude física empática. Ela conseguiu colocar Júpiter numa posição estratosférica, onde, em última análise, os franceses se sentiram desprezados por um monarca republicano. E penso que, de facto, será difícil reverter isso.

Feministas francesas mobilizam-se

Em Bordéus (*na imagem*) como noutras 50 cidades francesas, associações feministas organizaram marchas contra a extrema-direita, temendo um recuo nos direitos das mulheres e na luta pela igualdade de género, quando a Reunião Nacional, liderada de facto por uma mulher, Marine Le Pen, aparece isolada nas sondagens para as eleições legislativas de 30 de junho e 7 de julho. No mesmo dia, o presidente francês endereçou uma carta aos concidadãos a pedir para renunciarem à extrema-direita e à extrema-esquerda e para confiarem no bloco liderado pelo seu partido. Na carta, Emmanuel Macron reconheceu um "mal-estar democrático" e disse que a "forma de governar tem de mudar profundamente".

PHILIPPE LOPEZ / AFP

Tropas israelitas acusadas de usar escudo humano

PALESTINA Relatora da ONU indignada com o "direito internacional de pernas para o ar" em operação israelita na Cisjordânia. Em Gaza foi atingido mais um edifício das Nações Unidas.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

O estupor causado pela continuidade das tendências da guerra e seus efeitos – mais uma manifestação contra o governo de Netanyahu, mais um ataque em Gaza contra instalações da ONU, mais declarações públicas do chefe do governo israelita a desafiar os EUA – foi sacudido pela admissão de um abuso por parte do exército depois de ter sido publicado um vídeo que mostra um palestiniano a ser transportado amarrado ao capô de um jipe militar na Cisjordânia, e pela viagem do ministro da Defesa israelita a Washington.

Um palestiniano de 24 anos foi amarrado ao para-brisas de um veículo militar israelita durante uma "operação antiterrorista" na cidade de Jenin, na Cisjordânia ocupada. Mais tarde, depois de hospitalizado e submetido a uma cirurgia de emergência, Mujahid Raed Abbadi contou à AFP que estava na casa de amigos em Jabriyat, entre Burin e Jenin, no norte da Cisjordânia, quando foi ferido por tiros. Disse ter ficado mais de duas horas atrás de um veículo militar israelita, sem conseguir movimentar-se. "Quando chegaram, pisaram a minha cabeça, agrediram-me na cara, nas pernas e nas mãos, que estavam feridas", enquanto riam, queixa-se. Diz que depois, os soldados prenderam-no no capô que estava queimado.

Perante o vídeo rapidamente propagado, o exército israelita admitiu que "o suspeito foi levado pelas forças e amarrado ao veículo em violação às ordens e protocolos operacionais", um procedimento que diz não "não estar de acordo" com seus valores, pelo que investigará o ocorrido. Para Francesca Albanese, relatora especial das Nações Unidas para os territórios palestinianos ocupados, o que se passou foi um "escudo humano em ação". Albanese disse no X ser "espantoso como um Estado nascido há 76 anos conseguiu virar o direito internacional literalmente de pernas para o ar".

Na Faixa de Gaza, as forças israelitas atacaram mais um edifício da agência das Nações Unidas para os refugiados palestinianos (UNRWA): desta vez foi um centro de distribuição alimentar no sudoeste da cidade de Gaza e segundo as fontes locais terá matado cinco pessoas e ferido sete. "Encontrei o meu filho mais velho ferido, o mais novo preso debaixo dos escombros e cadáveres no local", disse uma mulher entrevistada pela Al Jazeera. "Que mal fizeram aquelas crianças inocentes? Estamos a correr da morte para a morte."

Um comunicado das forças armadas israelitas justificou o bombardeamento ao alegar que o edifício foi um "escudo para atividades terroristas" quer do Hamas, quer da Jihad Islâmica. Também disse que foram tomadas medidas para "reduzir o risco de causar danos a civis". Segundo a diretora de comunicação da UNRWA, Juliette Touma, até ao momento tinham sido atingidos 190 edifícios da agência em Gaza, tendo morrido 193 funcionários de uma organização que Israel diz ser terrorista.

Em Israel, as manifestações de sábado contra Benjamin Netanyahu atingiram um novo máximo de adesão em Telavive, cerca de 150 mil pessoas. O primeiro-ministro manteve a divergência pública com os Estados Unidos sobre o tema das armas que estarão a ser retidas, desta vez no início do conselho de ministros. "Alguns equipamentos foram entrando, mas o grosso do armamento ficou para trás", afirmou, tendo ainda esclarecido que a situação começou há quatro meses, mas não deu pormenores sobre o material que os EUA teriam deixado de enviar. Ao *Times of Israel*, um funcionário norte-americano disse que a entrega das armas segue agora a um "ritmo normal" em oposição ao que ocorria há meses, quando vigoravam procedimentos de emergência.

As declarações surgiram no dia em que o ministro da Defesa Yoav Gallant partiu para Washington, onde se encontra hoje com o homólogo Lloyd Austin, com o secretário de Estado Antony Blinken e com o chefe da CIA William Burns. "As reuniões serão cruciais para a guerra", estimou Gallant.

cesar.avo@dn.pt

Rússia culpa EUA por mortes na Crimeia

Desde o verão de 2022 que o governo ucraniano tem avisado os russos para não passarem férias na Crimeia. Depois de ter negado a superioridade naval no mar Negro, Kiev tenta no mínimo destruir os alvos militares na península anexada há uma década pelo regime de Vladimir Putin. Na sequência do mais recente ataque, direcionado a várias bases aéreas e navais, morreram cinco pessoas, entre as quais três crianças, dizem as autoridades russas.

Segundo o governador de Sebastopol, instalado pelos russos, Mikhail Razvozhayev, três crianças e dois adultos morreram e quase 120 pessoas ficaram feridas na praia. Na versão local, as defesas aéreas intercetaram cinco mísseis, tendo os seus destroços caído junto da praia de Uchkuyevka e causado as vítimas e um incêndio num edifício residencial. Segundo o Ministério da Defesa russo, foram abatidos quatro mísseis táticos ATACMS que transportavam ogivas de fragmentação e um quinto explodiu no ar sobre a cidade, depois de ter mudado de trajetória. Moscovo aproveitou para responsabilizar os Estados Unidos pelo ocorrido ao afirmar que "todas as missões de voo dos ATACMS dos EUA são registadas por especialistas norte-americanos com base nos dados de reconhecimento por satélite dos próprios EUA". Advertiu o Ministério da Defesa: "Tais ações não ficarão sem resposta."

Em Kharkiv, um dia depois de um ataque que atingiu um edifício residencial e do qual resultaram três mortos e mais de 50 feridos, novo ataque aéreo russo fez um morto e 10 feridos e deixou metade da segunda maior cidade sem eletricidade. A situação energética é de tal modo precária na Ucrânia que o operador de eletricidade anunciou cortes de abastecimento para esta segunda-feira em todo o país. **C.A.**

PUBLICIDADE

emprego

MINISTÉRIO DA SAÚDE

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DE SÃO JOSÉ, E.P.E.

EXTRATO

Faz-se público que por despacho de 23-05-2024, se encontra aberto, pelo prazo de 10 (dez) dias úteis, contados do dia seguinte ao da publicitação deste extrato, processo de seleção com vista à **constituição de reserva de recrutamento de Assistentes Operacionais - Unidade de Gestão de Transportes, para celebração de contrato individual de trabalho, com e sem termo, no âmbito do Código do Trabalho**, tendo em vista as necessidades que venham a ocorrer.

Os requisitos gerais e especiais e o perfil de competências exigido, a composição do júri, os métodos e critérios de seleção e outras informações de interesse para a apresentação das candidaturas e para a tramitação do processo de seleção em apreço constam da publicação integral do aviso de abertura, inserto no sítio da Unidade Local de Saúde de São José, EPE - área recrutamento, **https://www.chlc.min-saude.pt/concursos-de-admissao-de-pessoal/**, onde estão disponíveis as informações complementares para formalização do processo de apresentação de candidaturas.

Unidade Local de Saúde de São José, E.P.E., 24 de junho de 2024

A Diretora da Área de Gestão de Recursos Humanos
Dra. Maria Adelaide Canas

avisos, tribunais e conservatórias

BaixoTejo auto-estradas

Empreitada para as obras de estabilização dos taludes de escavação localizados no IC20 – Via Rápida da Caparica

Entre os meses de julho e novembro de 2024

A AEBT - Autoestradas do Baixo Tejo, S. A. informa que, face ao prolongamento dos trabalhos em curso relativos à empreitada para a estabilização dos taludes de escavação localizados no IC20 – Via Rápida da Caparica, aproximadamente ao pk 6+500, a conclusão da obra ocorrerá a 30 de novembro de 2024.

A AEBT agradece antecipadamente a compreensão e colaboração dos automobilistas e espera contribuir para reduzir eventuais inconvenientes decorrentes desta operação, que compreende trabalhos a realizar maioritariamente em período diurno, e com recurso a condicionamentos à circulação rodoviária que incluem essencialmente a supressão da berma direita.

Estes trabalhos visam garantir as condições de circulação e os níveis de serviço no lanço em causa, com reconhecidos benefícios ao nível da segurança rodoviária.

A AEBT tem consciência dos incómodos resultantes da obra numa via que está aberta à circulação, mas está certa de que os possíveis incómodos serão largamente compensados pelo nível de segurança que resulta de uma infraestrutura continuamente adaptada às necessidades de quem a utiliza.

O Número de Assistência e Informação 210 730 300 está à disposição dos automobilistas, para prestar as informações e os esclarecimentos que considerem necessários.

Publicita-se a abertura de procedimento de recrutamento de pessoal para a NOVA School of Business and Economics, ao qual podem candidatar-se indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no seguinte endereço:

https://www2.novasbe.unl.pt/pt/sobre-nos/junte-se-a-nova-sbe

» **Referência NOVASBE.CT.66.2024 –** 1 Assistente Técnico para exercer funções na área de Informática e Transformação Digital na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho a termo certo.

» **Referência NOVASBE.CT.67.2024 –** 1 Assistente Técnico para exercer funções na área Pré-experiência na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho a termo certo.

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LISBOA

JUÍZO LOCAL CRIMINAL DE LISBOA – JUIZ 10

Processo: 1645/22.3SILSB **Referência:** 435430868

PROCESSO COMUM (Tribunal Singular)

VII DISPOSITIVO

Por todo o exposto, o Tribunal julga a acusação pública totalmente procedente e em consequência decide:

A) CONDENAR o arguido JOSÉ ANTÓNIO DIAS GALINHO pela prática de **um crime de especulação**, previsto e punido pelos artigos 35.º, n.º 1, alínea b), Decreto-Lei n.º 28/84, de 20 de janeiro (Regime Jurídico das Infrações Antieconómicas e Contra a Saúde Pública), com referência ao artigo 2.°, alínea g), da Lei n.º 6/2013, de 22 de janeiro, e à Convenção da Federação Portuguesa do Táxi e a Direção-Geral das Atividades Económicas na **pena de 5 (cinco) meses de prisão, SUBSTITUÍDA por 100 (cem) dias de multa, e na pena de 80 (oitenta) dias de multa, à razão diária de 6 € (seis euros)**;

B) CONDENAR o arguido JOSÉ ANTÓNIO DIAS GALINHO pela prática de **um crime de falsificação de notação técnica**, previsto e punível. pelo artigo 258.º, n.º 1, al. b), e n.º 2 do Código Penal, na pena de **80 (oitenta) dias de multa, à taxa diária de€ 6 (seis euros)**;

C) Em **CÚMULO JURÍDICO** das penas de multa referidas, CONDENAR o arguido **JOSÉ ANTÓNIO DIAS GALINHO na pena única de 140 (cento e quarenta) dias de multa, à taxa diária de 6 € (seis euros), perfazendo o total de 840 € (oitocentos e quarenta euros).**

D) Determinar a publicação, a expensas do arguido, da presente sentença num jornal editado em Lisboa, devendo comprovar tal facto no prazo de 30 dias a contar do trânsito em julgado da presente sentença – artigos 19.º e 35.º , n.º 5, do Decreto-Lei n.º 28/84, de 20 de janeiro;

E) Determinar a afixação de edital no interior do táxi conduzido pelo arguido e quando conduzido por este, de forma bem visível, pelo período de trinta dias, nos termos do artigos 19.º, n.ºs 1 e 3, e 35.º, n.º 5, do Decreto-Lei n.º 28/84, de 20 de janeiro.

F) Manter o arguido sujeito ao Termo de Identidade e Residência já prestado, bem como às obrigações dele decorrentes, nos termos do artigo 214.º, n.º 1, al. e), do Código de Processo Penal.

G) Condenar o arguido no pagamento das custas criminais, fixando-se a taxa de justiça em 1 UC (uma unidade de conta), atenta a confissão dos factos.

*

Após trânsito em julgado da presente sentença:

- Remeta boletim à Direção de Serviços de Identificação Criminal, nos temos do disposto no artigo 6.º, alínea a), da Lei n.º 37/2015, de 5 de maio.
- Comunique ao Instituto da Mobilidade e dos Transportes, I.P., nos termos e para os efeitos da Lei n.º 6/2013, de 22 de janeiro.

*

Notifique

*

Processo Comum (Tribunal Singular)

Cumpra-se com o disposto no artigo 372.º, n.º 5, do Código de Processo Penal, procedendo-se ao depósito da presente sentença após leitura.

***

Lisboa, 13 de maio de 2024

A Juíza de Direito
Noémia Teles

(elaborado e processado por meios informáticos e integralmente revisto pela signatária, com assinatura eletrónica aposta na primeira página, nos termos do disposto nos artigos 94.º , n.º 2, do Código de Processo Penal, e 19.º , n.ºs 1 e 2 da Portaria n.º 280/2013, de 26 de agosto)

Jordi Cruyff vê Roberto Martínez "entusiasmado" e "rendido à paixão dos portugueses pela seleção"

EXCLUSIVO Filho de Johan Cryuff falou ao DN sobre a amizade com o selecionador português, "um adepto do futebol ofensivo e " otimista contagiante" que já apurou Portugal para os oitavos de final do Euro 2024 em dois jogos. Conhecem-se desde os 16 anos de idade e são como irmãos.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

"O futebol é a vida do Roberto. Mesmo nas folgas vive e respira o jogo, um treinador apaixonado pelo futebol de ataque, ofensivo e dominador. Gosta de ter posse de bola e de agarrar os jogos de início. Um líder muito acessível, disponível e dialogante com os seus jogadores, equipa técnica e *staff*." Assim é Roberto Martínez nas palavras do grande amigo Jordi, filho de Johan Cruyff (1947-2016), o treinador que mais inspirou o selecionador português, como o próprio confessou antes do jogo com a Turquia, que apurou Portugal para os oitavos de final do Euro 2024.

Martínez tinha 15 anos quando o mago neerlandês se tornou treinador do Barcelona e revolucionou o futebol com a filosofia do "tiki-taka", um estilo de jogo único, sinónimo de posse de bola, passes curtos e movimentos constantes. E Jordi consegue ver isso no trabalho do amigo. "O meu pai era muito de multissistemas, podia mudar várias vezes de sistema no mesmo jogo. O Roberto também faz isso. [Frente à Rep. Checa jogou em 3x4x3 e com a Turquia em 4x3x3.] É da escola do futebol ofensivo. Ele quer sempre jogar para ganhar e tirar o melhor de cada um dos seus jogadores, um pouco como fazia o meu pai, que tinha a sua própria identidade futebolística", disse ao DN.

O antigo diretor desportivo do Barcelona já esteve em Lisboa a passar "um par de dias" com o amigo. Teve direito a uma visita guiada à Federação Portuguesa de Futebol e à Cidade do Futebol, o local de trabalho do técnico. "Vejo o Roberto muito entusiasmado com Portugal. Está supercontente. Querer aprender rapidamente o idioma, para poder comunicar em português, é sinónimo de pessoa que investe no sucesso. Acredito que os portugueses valorizam isso, porque têm um selecionador que não é só treino e ir para casa, ele quer entender a cultura, o sentimento de ser português, e está rendido à paixão dos portugueses à volta da seleção", elogiou o amigo e confidente do técnico, que batizou os 26 de Portugal neste europeu de "apaixonados".

Depois de sair da seleção belga, após a má campanha no Mundial 2022, Roberto Martínez recebeu propostas "bem interessantes" e foi trocando ideias com o amigo Jordi, que percebeu "desde o início que ele ficou muito entusiasmado com Portugal".

O sim à equipa das quinas demorou pouco. Foi apresentado no dia 9 de janeiro de 2023, iniciando o apuramento perfeito para o Euro 2024, só com vitórias e vários recordes pelo meio. Agora apurou Portugal para os oitavos do Euro 2024 logo ao segundo jogo, repetindo o feito de Humberto Coelho no Euro 2000 e de Luiz Felipe Scolari no Euro 2008.

A Coca-Cola com algo...

Primeiro foram adversários, como bem mostra a imagem ao lado, em que Roberto Martínez, então médio do Saragoça, enfrenta Jordi Cruyff, que jogava no Barcelona. Tinham ambos 16 anos. Depois emigraram para o futebol inglês e tornaram-se amigos para a vida.

Roberto jogava no Wigan e Jordi no Manchester United. "Em Inglaterra, o Jordi encontrou o irmão que não lhe pudemos dar. Foi assim que acabámos por ver o Roberto. Um tipo estupendo, um homem aberto e sincero", pode ler-se na autobiografia, a título póstumo, de Johan Cruyff.

O encontro num restaurante espanhol de Manchester de dois estranhos com algo em comum – paixão pelo futebol e Cruyff – resultou numa amizade para a vida, "pura e real, que não tem a ver com o futebol". E à prova de traquinices.

"Ele nunca bebia. Nunca, nunca, nunca. Sempre que ele pedia uma Coca-Cola, eu pedia uma Coca-Cola com algo dentro *(risos)*, e quando ele se distraía trocava os copos. Mas ele descobria sempre. Quando me convidou para padrinho de casamento, disse-lhe que só ia à festa se bebesse uma Coca-Cola. Na verdade foi um pouco de champanhe e foi a única vez que o vi beber álcool", contou o neerlandês, que na altura não sabia que o amigo tinha prometido ao pai nunca se viciar no álcool e ser alguém na vida.

Tiraram juntos o curso de treinador e uma pós-graduação em Marketing na Universidade de Manchester. E se Jordi foi internacional pelos Países Baixos (jogou o Euro 96), venceu uma Liga dos Campeões (Manchester United, 1999) e chegou a diretor desportivo do Barcelona (2020-2023), Roberto destacou-se como treinador e selecionador.

"Ele era médio centro e esses jogadores têm uma visão de 360º, porque têm jogadores à sua direita, à esquerda, à frente e atrás, e isso dá-lhes um sexto sentido, sentem e intuem as jogadas. Mesmo no futebol britânico, quando foi treinar o Swansea, começou a jogar de maneira muito atrevida, com um futebol de passe, como se joga em países como Espanha e Portugal", elogiou.

Em privado, Roberto Martínez, que é padrinho do filho mais velho de Jordi, "é um homem de família, muito tranquilo" e com "um sentido de humor apurado", que não deixa de ser "obcecado por futebol". Mesmo em casa continua atento a tudo no futebol e a todos os jogadores referenciados: "É muito otimista, alguém que vê sempre o lado bom das coisas. Ter uma pessoa positiva perto faz com que os outros também sejam mais positivos, e ele consegue passar isso para as equipas."

Esse bom ambiente tem, aliás, sido destacado pelos jogadores da seleção nacional, que na quarta-feira joga com a Geórgia para cumprir o calendário, pois já tem o apuramento para os oitavos de final garantido.

isaura.almeida@dn.pt

17

jogos ao comando de Portugal. Depois de um apuramento perfeito para a fase final do Euro 2024 sem derrotas, agora já leva dois triunfos na fase de grupos e apurou Portugal para os oitavos de final.

9

de janeiro de 2023 foi o dia em que foi anunciado como sucessor de Fernando Santos. Com ele a seleção conseguiu a maior goleada da história: 9-0 ao Luxemburgo no dia 11 de setembro de 2023.

6.º

treinador a orientar duas seleções num Europeu. Martínez treinou a Bélgica no Euro 2020 e até eliminou Portugal. Agora comanda a seleção das quinas no Euro 2024 e já está nos oitavos.

1

troféu para o técnico espanhol nascido em Balaguer (13-8-1973). Com 34 anos assumiu o Swansea na League One e subiu à Premiership antes de ir para o Wigan, na Premier League, e conquistar a Taça de Inglaterra em 2013.

Roberto Martínez, médio do Saragoça, enfrenta Jordi Cruyff, avançado do Barcelona. Tinham ambos 16 anos.

D.R.

Pepe, um bom caso de estudo aos 41 anos

LONGEVIDADE Tonel e Hélder Cristóvão elogiam exibições do defesa central no Europeu. Estatísticas mostram que nos dois jogos ganhou praticamente todos os duelos que travou com adversários.

TEXTO **ANDRE CRUZ MARTINS**

Foram muitos os que torceram o nariz à convocatória de Pepe para o Euro 2024, justificando as dúvidas com o estado físico do central, que esteve muito tempo parado devido a lesão, e também pela idade (41 anos). Mas o Euro chegou e o defesa português calou os críticos com exibições de classe.

Se contra a República Checa já tinha deixado boas indicações, com a Turquia a exibição foi imperial, tendo ganho quase todos os duelos diretos que travou. De acordo com dados estatísticos da FPF, foi o português com mais recuperações de bola (seis), em igualdade com Vitinha. E com a República Checa já tinha sido o melhor nesse particular, com 11 – nesse encontro tornou-se no futebolista mais velho a jogar num Euro, com 41 anos e 117 dias. E mais: o central ainda não cometeu qualquer falta.

Os antigos centrais Tonel e Hélder Cristóvão, ex-internacionais portugueses, não se mostram surpreendidos com o rendimento de Pepe. O ex-futebolista do Sporting entende que "a sua grande motivação para continuar a jogar ao mais alto nível, aliada à sua genética, é a principal razão para este sucesso", enquanto o ex-benfiquista tem a certeza de que "Pepe é súper honesto em relação ao seu corpo e quando sentir que já não está a 100% será o primeiro a dizer que já não consegue mais". E destaca "a grande confiança que demonstrou no jogo com a Turquia, bem como a forma como assumiu os confrontos diretos e a rapidez de movimentos que continua a demonstrar".

André Villas-Boas já confirmou que Pepe não vai continuar no FC Porto na função de jogador, tendo justificado a decisão essencialmente por razões financeiras, em face da redução salarial que pretende fazer no plantel dos azuis a brancos, o que merece a compreensão de Tonel. "É uma nova administração no clube, com novas ideias, e entendeu que o Pepe não fazia parte do projeto, pelo menos na função de futebolista. É algo que tem de ser respeitado, embora eu pense que ele poderá perfeitamente continuar a jogar mais uma época ao mais alto nível, desde que esteja inserido num projeto que o mantenha motivado." E sublinha que "nesta altura o mais importante é Portugal agradecer tudo o que ele tem feito ao serviço da seleção nacional".

CHRISTOPHER NEUNDORF/EPA

Pepe esteve irrepreensível na defesa contra a Turquia.

Hélder Cristóvão acredita mesmo que Pepe poderá fazer parte do "Onze Ideal" do Euro 2024, desde que Portugal continue a sua progressão até fases adiantadas da competição. "Ainda por cima há algo que o vai beneficiar, que é o facto de poder descansar no último jogo da fase de grupos [quarta-feira, com a Geórgia], uma vez que Portugal já está apurado para os oitavos de final. Vai conseguir recuperar bem fisicamente e pode perfeitamente continuar a exibir-se a um alto nível e, quem sabe, terminar no lote de melhores jogadores do Europeu", afiança.

Essa é igualmente a opinião de Tonel, que destaca o descanso a que o central vai estar votado na próxima quarta-feira, lembrando que as grandes exibições de Pepe são a sua imagem de marca nas fases finais de Campeonatos da Europa e do Mundo. Mas avisa que, para que a presença do veterano entre os melhores do Euro seja uma realidade, "Portugal terá de chegar pelo menos às meias-finais".

Pepe é um caso único em termos de longevidade, e Hélder Cristóvão não acredita que haja mais "Pepes" num futuro próximo. "Duvido muito que isso possa acontecer, porque hoje em dia verificamos que os jogadores não têm grande capacidade de superação, facilitam muito, e chegar aos 41 anos com esta capacidade será quase impossível. Por isso acho que ele vai continuar a ser único nos próximos tempos", antevê.

NÚMEROS DO CENTRAL NO EURO

JOGOS	2
MINUTOS	173
FALTAS COMETIDAS	0
FALTAS SOFRIDAS	1
CARTÕES	0
RECUPERAÇÕES DE BOLA	17
% DE PASSES CERTOS	95
FORAS DE JOGO	1
PASSES PARA ATAQUES	10

Sagnol e Portugal

Willy Sagnol, selecionador da Geórgia, já antevê o jogo de quarta-feira com Portugal: "Se me dissessem antes do Euro que iria disputar a qualificação na última jornada, assinava logo por baixo. Acontece que vamos defrontar Portugal..."

Mais segurança para evitar invasores de campo

A UEFA vai reforçar as medidas de segurança para evitar a invasão de campo por parte de adeptos no decorrer do Euro 2024. A decisão surge depois de vários episódios, o último dos quais no sábado, quando pelo menos seis adeptos entraram em campo para tentar tirar *selfies* com Cristiano Ronaldo. Apesar de os adeptos aparentarem desejar apenas uma foto com o seu ídolo, este plano da UEFA visa proteger os futebolistas de qualquer perigo.

Pais e filhos do Euro. Do jovem Francisco a Chiesa e Schmeichel

LAÇOS Há seis jogadores no Euro 2024 cujos pais também foram internacionais e jogaram em Europeus de futebol. O internacional português só precisou de três jogos para marcar na seleção e fê-lo em grande estilo contra a República Checa. Já o pai, Sérgio, que o treinou no FC Porto, tem como melhor recordação das quinas os três golos à Alemanha.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

MIGUEL PEREIRA/GLOBAL IMAGENS

Francisco e o pai Sérgio no FC Porto. Uma fotografia que já não se vai repetir para o ano...

O nome Chiesa é um dos famosos no futebol italiano. Em baixo, Peter Schmeichel com o filho Kasper.

No Euro 2024 não é só Francisco Conceição que tem um pai que também foi internacional e marcou presença num Campeonato da Europa de futebol. Na verdade, em outras seleções existem mais cinco casos de futebolistas com apelidos famosos cujos pais brilharam em edições anteriores e veem agora os 'miúdos' seguir-lhes os passos, em alguns casos até com mais sucesso. O extremo português, contudo, é o único dos seis que, além da relação familiar, teve o pai como treinador no FC Porto.

Francisco só precisou de três jogos com a camisola das quinas (estreou-se a 26 de março na derrota por 2-0 num particular com a Eslovénia, depois de entrar ao intervalo) para se estrear a marcar por Portugal, e logo o golo que deu o triunfo no jogo de abertura do Grupo F, contra a República Checa (2-1).

Curiosamente, pai e filho tiveram o batismo pela seleção com a mesma idade (21 anos) – Sérgio foi lançado por Artur Jorge a 8 de novembro de 1996, uma semana antes de completar 22 anos, saltando do banco aos 65 minutos para render Rui Costa, num jogo frente à Ucrânia. Francisco teve o seu primeiro momento alto com a camisola das quinas ao apontar o golo diante dos checos. Já o pai brilhou bem alto no Euro 2000, quando marcou três golos à poderosa Alemanha na fase de grupos. No total, pela seleção lusa, o ex-treinador do FC Porto fez 56 jogos e faturou 12 golos, marca que o filho vai agora tentar superar.

Os Chiesa

Em Itália também há um clã famoso: os Chiesa. Federico, 26 anos, jogador da Juventus, é titular da *azzurra* e um dos jogadores-chave do xadrez de Luciano Spalletti. Já leva 49 internacionalizações e sete golos pelo seu país, ele que se sagrou campeão da Europa em 2021.

O pai, Enrico, deu nas vistas no Parma na década de 90 e teve uma carreira recheada de golos (220). Curiosamente, marcou precisamente os mesmos do filho (sete) na seleção italiana, mas em apenas 17 jogos. Jogou no Europeu de Inglaterra em 1996 e marcou à República Checa. Tal como a família Conceição, os Chiesa também viram pai e filho marcar num Campeonato da Europa.

> Peter Schmeichel, que chegou a defender a baliza do Sporting, sagrou-se campeão pela Dinamarca em 1992. O filho continua a ser o guarda-redes da seleção, mas ainda não conseguiu nenhum título.

Os Thuram

Lilian Thuram foi uma grande referência da defesa da seleção francesa durante vários anos e alinhou em clubes como Barcelona, Juventus, Parma e Mónaco nas décadas de 90 e 2000. Pela seleção gaulesa somou 142 internacionalizações e conquistou um Mundial (1998) e um Europeu (2000).

O filho Marcus, de 26 anos, que atua no Inter Milão, seguiu-lhe as pisadas, mas joga como avançado. Ainda não é um indiscutível da França, mas já leva 21 jogos e dois golos marcados.

O pai Thuram, refira-se, tornou-se num famoso ativista contra o

Daku apanha dois jogos

A UEFA castigou ontem com dois jogos de suspensão o futebolista albanês Mirlind Daku pelos cânticos contra sérvios e macedónios, após o jogo da segunda jornada do Euro 2024 entre Albânia e Croácia.

Tchouaméni também apela ao voto contra extremistas

Depois de Kylian Mbappé o ter feito, também Aurélien Tchouaméni abriu uma exceção para falar de política e apelar ao voto contra o extremismo em França nas eleições legislativas antecipadas marcadas para 30 de junho e 7 de julho. "Recebemos uma mensagem contundente de Mbappé e também de Thuram. Partilho da sua opinião. Odeio extremismos e partilho uma mensagem de unidade que creio que é o que melhor representa a França. Por isso desafio toda a gente a ir votar", referiu ontem o médio que atua no Real Madrid.

racismo após terminar a carreira. Dá palestras, já escreveu vários livros e tem dois títulos *honoris causa* nas Universidades de Estocolmo, na Suécia, e Stirling, na Escócia.

Os Schmeichel
Outro apelido famoso da história dos Europeus são os Schmeichel. Peter foi um dos melhores guarda-redes do planeta. Figura do Manchester United (terminou a carreira no Sporting) e da seleção dinamarquesa durante anos, sagrou-se campeão da Europa em 1992, na célebre prova em que a seleção nórdica foi repescada à última hora para substituir a Jugoslávia, numa altura em que vários jogadores já estavam de férias.

O filho Kasper seguiu-lhe as pisadas na baliza. Tem 37 anos, atua no Anderlecht e já tem mais de 100 internacionalizações pela Dinamarca. Uma curiosidade: no final do jogo entre a Dinamarca e a Inglaterra, que terminou empatado a um golo, o pai Peter, na qualidade de comentador e repórter da FOX Sports, entrevistou o filho. "Faço muitas entrevistas pós-jogo, mas nunca faço isto", disse antes de abraçar o filho, que em troca lhe deu a camisola do jogo.

Os Blind
Os Países Baixos também têm tradição de pais e filhos a jogar num Euro. Daley Blind, 34 anos, jogador do Girona, de Espanha, é um dos veteranos da seleção laranja. Seguiu as pisadas do pai, Danny, e também atua como defesa, contando já com 107 jogos e três golos pela laranja mecânica.

Danny Blind foi um histórico do futebol neerlandês, com 42 internacionalizações, jogador com toda uma carreira ligada ao Ajax, que participou em dois Europeus (1992 e 1996).

Os Hagi
Gheorghe Hagi foi um dos maiores jogadores romenos de todos os tempos, e não foi por acaso que lhe colocaram a alcunha de "Maradona dos Cárpatos". Disputou os Europeus de 1984, 1996 e 2000 (nesta edição atingiu os quartos de final) e apontou 35 golos num total de 125 internacionalizações, com passagens por Real Madrid e Barcelona.

O filho Ianis Hagi, de 25 anos, que atua no Aláves, integra a atual seleção romena, com 36 presenças e cinco golos marcados. Mas nunca irá atingir a notoriedade do pai.

THOMAS KIENZLE / AFP

LLUIS GENE / AFP

Alemanha sofre para empatar com a Suíça mas garante primeiro lugar

Um golo já no tempo extra, da autoria de Niclas Fullkrug, permitiu ontem à Alemanha empatar a um golo com a Suíça a apurar-se como primeiro classificado do Grupo A. Antes, os suíços, que deram muito trabalho aos germânicos, tinham marcado por Ndoye aos 28 minutos. Este resultado colocou a Suíça como adversária da Espanha nos oitavos de final (jogam hoje, mas já têm a certeza de que acabam líderes do agrupamento). Já os alemães vão medir forças com o segundo classificado do Grupo C, que ainda está por definir. No outro jogo do Grupo A também disputado ontem, a Hungria bateu a Escócia mesmo no último suspiro, com um golo apontado por Csoboth aos 90'+10, um resultado que deixou os escoceses já eliminados e os húngaros ainda com uma esperança de poderem seguir em frente como um dos melhores terceiros da fase de grupos.

CALENDÁRIO E CLASSIFICAÇÕES

GRUPO A

Jogo	Resultado
Alemanha-Escócia	5-1
Hungria-Suíça	1-3
Escócia-Suíça	1-1
Alemanha-Hungria	2-0
Suíça-Alemanha	1-1
Escócia-Hungria	0-1

	P	J	G
1.º Alemanha	7	3	8-2
2.º Suíça	5	3	5-3
4.º Hungria	3	3	2-5
3.º Escócia	1	3	2-7

GRUPO B

Jogo	Resultado
Espanha-Croácia	3-0
Itália-Albânia	2-1
Croácia-Albânia	2-2
Espanha-Itália	1-0
Croácia-Itália (hoje, 20h00, RTP1)	
Albânia-Espanha (hoje, 20h00)	

	P	J	G
1.º Espanha	6	2	4-0
2.º Itália	3	2	2-2
3.º Albânia	1	2	3-4
4.º Croácia	1	2	2-5

GRUPO C

Jogo	Resultado
Eslovénia-Dinamarca	1-1
Sérvia-Inglaterra	0-1
Eslovénia-Sérvia	1-1
Dinamarca-Inglaterra	1-1
Inglaterra-Eslovénia (amanhã, 20h00)	
Dinamarca-Sérvia (amanhã, 20h00, SIC)	

	P	J	G
1.º Inglaterra	4	2	2-1
2.º Dinamarca	2	2	2-2
3.º Eslovénia	2	2	2-2
4.º Sérvia	1	2	1-2

GRUPO D

Jogo	Resultado
Polónia-Países Baixos	1-2
Áustria-França	0-1
Polónia-Áustria	1-3
Países Baixos-França	0-0
Países Baixos-Áustria (amanhã, 17h00)	
França-Polónia (amanhã, 17h00)	

	P	J	G
1.º Países Baixos	4	2	2-1
2.º França	4	2	1-0
3.º Áustria	3	2	3-2
4.º Polónia	0	2	2-5

GRUPO E

Jogo	Resultado
Roménia-Ucrânia	3-0
Bélgica-Eslováquia	0-1
Eslováquia-Ucrânia	1-2
Bélgica-Roménia	2-0
Eslováquia-Roménia (26/6, 17h00)	
Ucrânia-Bélgica (26/6, 17h00)	

	P	J	G
1.º Roménia	3	2	3-2
2.º Bélgica	3	2	2-1
3.º Eslováquia	3	2	2-2
4.º Ucrânia	3	2	2-4

GRUPO F

Jogo	Resultado
Turquia-Geórgia	3-1
Portugal-Rep. Checa	2-1
Geórgia-Rep. Checa	1-1
Turquia-Portugal	3-0
Rep. Checa-Turquia (26/6, 20h00)	
Geórgia-Portugal (26/6, 20h00, TVI)	

	P	J	G
1.º Portugal	6	2	5-1
2.º Turquia	3	2	3-1
3.º Rep. Checa	1	2	2-3
4.º Geórgia	1	2	2-4

OITAVOS DE FINAL
29/6: 2.º gr. A-2.º gr. B (J37) – 29/6: 1.º gr. A-2.º gr. C (J38)
30/6: 1.º gr. C-3.º gr D/E/F (J39) – 30/6: 1.º gr. B-3.º gr A/D/E/F (J40)
1/7: 2.º gr. D-2.º gr. E (J41) – 1/7: 1.º gr. F-3.º gr. A/B/C (J42)
2/7: 1.º gr. E-3.º gr. A/B/C/D (J43) – 2/7: 1.º gr. D-2.º gr. F (J44)
QUARTOS DE FINAL
5/7: Venc. J39-Venc. J37 (J45) – 5/7: Venc. J41-Venc. J42 (J46)
6/7: Venc. J40-Venc. J38 (J47) – 5/7: Venc. J43-Venc. J44 (J48)
MEIAS-FINAIS
9/7: Venc. J45-Venc. J46 – 10/7: Venc. J47-Venc. J48
FINAL
14/7, em Berlim (20h00)

***Todos os jogos com transmissão em direto na SportTV**

TRÊS CURIOSIDADES PARA 30 ANOS

> A cena que divide *O Rei Leão* ao meio, com a morte de Mufasa na debandada de gnus, foi a mais desafiante de toda a produção e aquela onde se aplicou visivelmente uma tecnologia rudimentar. Imagine-se que para a sua duração de dois minutos e meio foram necessários cerca de três anos de trabalho por parte de técnicos com formação específica para "desenhar" os movimentos do rebanho a partir das suas figuras individuais.

> A imagem do vilão Scar (com aquela voz antológica de Jeremy Irons) no número musical *Be Prepared* é uma referência aos nazis. Mais precisamente, os animadores basearam-se em alguns dos registos do filme *O Triunfo da Vontade* (1935), de Leni Riefenstahl, para reproduzir as marcas do autoritarismo de Hitler, com Scar no poleiro e as hienas a marchar, alinhadas como um exército. Até as luzes refletidas na pedra correspondem ao sistema de iluminação dos desfiles de Nuremberga...

> Por falar em hienas, o caso mais engraçado de contestação a *The Lion King* foi o dos protestos de biólogos contra a "difamação do caráter da hiena", animal que estaria a ser retratado injustamente como cúmplice do vilão. Houve mesmo um especialista que se manifestou através de boicote, depois de ter organizado uma visita dos animadores à Universidade da Califórnia para estes estudarem o comportamento dos ditos animais. O que seria do clássico sem a liberdade artística?

30 anos de *O Rei Leão*
Um sucesso com garra

ANIVERSÁRIO

Há três décadas chegava aos cinemas uma das mais comoventes histórias sobre paternidade e orfandade. Primeiro argumento original da Disney, o êxito d' *O Rei Leão* transformou-o num clássico para todos os tempos – ainda este ano haverá novo filme sobre Mufasa.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

O rugido que se fez ouvir em 1994 ainda mexe connosco. A 24 de junho desse ano a Disney apresentava ao mundo um absoluto original de animação dos estúdios, uma história que iria tocar profundamente os espectadores pela sua dimensão humana... ainda que não haja sombra da presença do homem em nenhum momento. Ao contrário de *Bambi* (1942) – o outro clássico da Disney que aterrorizou e comoveu gerações, centrando-se nos animais da floresta, mas evidenciando a maldade do homem pelas consequências dramáticas das suas ações –, *O Rei Leão* reserva a narrativa às atribulações do mundo animal, que em tudo partilha semelhanças com a humanidade, ou não fosse filosofia do próprio Walt Disney (1901-1966) que se dotasse os desenhos de animais com características humanas, não necessariamente antropomórficas. "Quando criamos fantasias, não podemos perder de vista a realidade", dizia ele.

Respeitando essa norma de conduta de Disney (que, inclusive, no seu tempo costumava enviar desenhadores aos jardins zoológicos para observarem a fauna durante horas, com o objetivo de alcançar a autenticidade dos detalhes físicos das personagens), os criadores d' *O Rei Leão* também procuraram trazer o máximo de "realidade" para a conceção do filme. O que implicou, por exemplo, uma viagem de alguns dos animadores ao Quénia, mais especificamente ao Parque Nacional Hell's Gate, onde encontraram inspiração, desde logo, para as paisagens – à exceção da famosa Pedra do Rei (Pride Rock), desenhada por um artista em Burbank. Isto sem esquecer que, para além das fotografias e materiais de investigação trazidos de África, os zoos de San Diego e Miami ofereceram ajuda aos trabalhos, levando animais para os estúdios, leões incluídos, de maneira que pudessem ser estudados laboratorialmente nos seus movimentos...

Tudo isto para dizer: hoje em dia seria concebível tal esforço de pesquisa? Ou sequer uma equipa de mais de 600 animadores, artistas e técnicos num processo exaustivo de pintura manual? Já não se labora a animação nestes termos. De resto, e só para fechar o capítulo fundamental da produção em si, que começou por se chamar *King of the Jungle* (*Rei da*

Quando se estreou, no verão de 1994, ninguém estava preparado para o sucesso que foi *The Lion King* – maior bilheteira do ano, maior bilheteira de todos os tempos de uma animação (até ser destronado por *Frozen – O Reino do Gelo*).

E assim se apresentava ao mundo a famosa cria de leão.

Selva), importa referir que o primeiro realizador designado para o projeto, George Scribner, abandonou o barco quando a decisão artística de fazer um musical se sobrepôs à hipótese de uma espécie de filme National Geographic animado (o que seria!). Ficaram então no comando os realizadores Roger Allers e Rob Minkoff, juntamente com o produtor Don Hahn, orgulhosos de terem dado oportunidade a muitos jovens animadores – já que os principais estavam ocupados com a *Pocahontas* –, formando uma equipa que se assumiu como "um círculo tranquilo, inclusivo e criativo", segundo Allers, onde "todos foram ouvidos".

O fenómeno

Quando se estreou no dito verão de 1994, ninguém estava preparado para o sucesso que foi *The Lion King* – maior bilheteira do ano, maior bilheteira de todos os tempos de uma animação (até ser destronado por *Frozen – O Reino do Gelo*), e, título que ainda detém, filme de animação manual com maior *box office* da história. Um fenómeno no grande ecrã mas também no pequeno, que fez com que não faltasse em muitas casas um VHS d'*O Rei Leão*... A saber, 55 milhões de cópias vendidas em todo o mundo mantêm-no no trono dos vídeos caseiros, como referência de um tempo em que este mercado era rei.

Nomeado um dos 25 Melhores Filmes de Animação de Todos os Tempos pela revista *Time* e o quarto melhor filme do seu género no *top* 10 do American Film Institute, esta que é a 32.ª longa-metragem da Disney prolongou o seu rugido até aos nossos dias: a adaptação teatral da Broadway está em cartaz desde 1997, houve duas sequelas, em 1998 e 2004, e o *remake* em CGI, de Jon Favreau, veio juntar-se à lista de "recuperações" dos clássicos da Disney como se fosse possível replicar o impacto emocional do filme de 1994 através de imagens geradas por computador – claro que, ainda assim, bateu recordes.

Razão pela qual chega aos cinemas ainda este ano (19 de dezembro) *Mufasa: O Rei Leão*, sobre a ascensão do pai de Simba, contada à filha deste. Realizado por Barry Jenkins, o oscarizado cineasta de *Moonlight*, recorre-se aqui novamente à prodigiosa tecnologia, somando-se o contributo do compositor Lin-Manuel Miranda, que, nas notas de produção, diz sentir-se "humilde e orgulhoso" por fazer parte de "um legado musical incrível, com música de alguns dos maiores compositores do mundo". E é de facto o mínimo que se pode dizer do trabalho de Hans Zimmer na banda sonora d'*O Rei Leão*, a par com os temas de Elton John e as letras de Tim Rice: *Circle of Life*, *Can You Feel the Love Tonight* (vencedor do Óscar) e *Hakuna Matata* converteram-se em pura memória coletiva.

Simba com o malvado tio Scar.

Simba crescido, com Timon e Pumba, ou a arte de aprender a "não se preocupar".

A tragédia e a comédia

Celebrar os 30 anos deste clássico muito amado significa também responder à pergunta: o que é que o tornou tão especial? Numa análise ao nível da forma (ou fórmula) narrativa, dir-se-ia que *O Rei Leão* é do mais completo que já se alcançou em animação. Um filme que nos leva às lágrimas com a mesma veemência com que provoca o riso, onde quase sempre o romantismo Disney optou por privilegiar o drama, evitando que a comédia chocasse demasiado com a tragédia. Ora, aqui esse choque muda tudo.

Ao contemplarmos a história de Simba, o filhote de leão que vê o seu pai, Mufasa, morrer numa debandada de gnus e se força ao exílio – na sequência de uma manipulação pérfida do tio Scar, ignorando as suas intenções de tomada de poder –, estamos a contemplar uma transição da maior das tragédias pessoais para a maior das diversões. Por outras palavras, o suricata Timon e o javali Pumba representam um negativo de alegria embriagante em relação às cenas anteriores na savana. É certo que Simba voltará a ser chamado às suas responsabilidades na Pedra do Rei, voltará a lembrar-se de quem é e da sua herança, mas o maravilhoso contraste de tons fica feito, como se luz e trevas convivessem de uma forma inesperada.

A versão teatral, de Julie Taymor.

Muito se escreveu, na altura da estreia, sobre os ecos de Hamlet e as parecenças com o drama do pequeno cervo. O *The New York Times* resumiu-o no título "Um bambi para os anos 90 via Shakespeare". Mas, mais do que isso, *O Rei Leão* fixou a sua aura pela perfeição que acumula de cena para cena, tornando-as todas citáveis (desde o assustador Be Prepared de Scar à aparição de Mufasa no céu noturno), porque todas são peças indispensáveis de um grande edifício sentimental construído com amor aos pormenores que aproximam a fantasia da realidade, como sempre quis Walt Disney.

A experiência teatral

Para quem já assistiu à versão teatral d'*O Rei Leão* é impossível não reconhecer a riqueza de uma história e de um universo que, por si só, se prestam à intensificação do espetáculo. Tal como o vi no verão passado no West End de Londres (Lyceum Theatre), o musical concebido para o palco por Julie Taymor funciona como uma expansão das possibilidades visuais do filme, ao mesmo tempo que explora a perspetiva. Ou seja, ao apresentar os atores como marionetistas dos seus próprios trajes elaborados, que espelham todo o imaginário africano, a encenadora conseguiu criar uma experiência à base da diversidade de ângulos, fazendo com que a atenção dos espectadores oscile entre a expressão corporal e vocal de cada ator e o movimento escrupuloso da sua estrutura animalesca.

Logo ao início, com o tema *Circle of Life*, há como que uma introdução milagrosa: os animais aproximam-se do palco em pose majestosa, vindos do fundo da sala, como se nos implicassem na solenidade vibrante daquele momento de alvorada em que Rafiki pega no bebé Simba diante da comunidade. É quase uma vivência mística conduzida pelos princípios de uma lógica cénica que tira partido da imensidão de cores e texturas de África, desta feita despertando emoções relacionadas com o vigor da tal espetacularidade. Há, por isso, um lirismo vivo nesta abordagem que só confirma o poder regenerador e a magia cristalizada de um filme a que queremos voltar uma e outra vez.

Ne-Yo subiu palco Mundo no último dia do festival e embalou o público com clássicos dos anos 2000.

A espanhola Aitana abriu o Palco Mundo no domingo. A cantora de 24 anos fez a sua estreia com um concerto performativo.

O calor foi a marca do festival no último dia, com temperaturas a rondar os 30 graus no parque Tejo, a nova casa do Rock in Rio.

No sábado, Ivete Sangalo voltou a pisar o palco do Rock in Rio. A brasileira atuou em todos as edições do festival em Lisboa.

300 mil pessoas e a certeza do regresso ao Parque Tejo em 2026

TEXTO: **AMANDA LIMA** FOTOGRAFIA **GERARDO SANTOS/ÁLVARO ISIDRO**

Mais de 300 mil pessoas, o aniversário de 20 anos numa casa nova e a certeza do regresso em 2026, no mesmo sítio. Assim acabou o Rock in Rio Lisboa 2024, que decorreu durante dois fins de semana no Parque do Tejo. Está confirmado que, na próxima edição, o festival continua nas margens do rio, tal como indicou ontem ao início da tarde num anúncio feito por Roberta Medina, responsável pelo festival, ao lado de Carlos Moedas, presidente da Câmara de Lisboa. Mesmo com críticas ao cartaz, considerado por uns alguns como pouco atrativo, a edição deste ano teve lotação esgotada em três dos quatro dias de festa. Apenas no sábado (22 de junho) estiveram no parque 60 mil pessoas, os restantes dias receberam perto de 80 mil pessoas.

Ontem, domingo, último dia, as temperaturas rondaram os 30 graus fizeram sentir ainda mais o problema da falta de sombras, criticado desde o anúncio da mudança de local da Cidade do Rock. A organização fez a distribuição de água para amenizar o calor sentido durante a tarde.

O segundo fim de semana também teve respostas às críticas dos dois primeiros dias, quando foram registadas longas filas para compra de comida e nas casas de banho. A solução encontrada não passou pelo reforço de opções, mas sim, com uso de um canal no WhatsApp para informar a afluências nas filas.

Depois de um penúltimo dia (sábado) eclético, com Ivete Sangalo e Jonas Brothers, o encerramento da edição que assinalou os 20 anos foi marcado pelos ritmos pop e hip-hop, desde os mais antigos como Ne-yo, que abriu o Palco Mundo, e Doja Cat, a última a subir no palco principal. Apesar da diferença no tempo de carreira, ambos fizeram a estreia no Rock in Rio Lisboa. Nos palcos secundários a presença do público não ficou atrás, o que mostra as opções do cartaz para agradar os diferentes fãs que participam do Rock in Rio Lisboa. Para 2026, a única certeza é que o festival está confirmado e que o local será o mesmo: o Parque Tejo, num adeus definitivo ao Parque da Bela Vista e não um até breve.

amanda.lima@dn.pt

LIVROS DA SEMANA

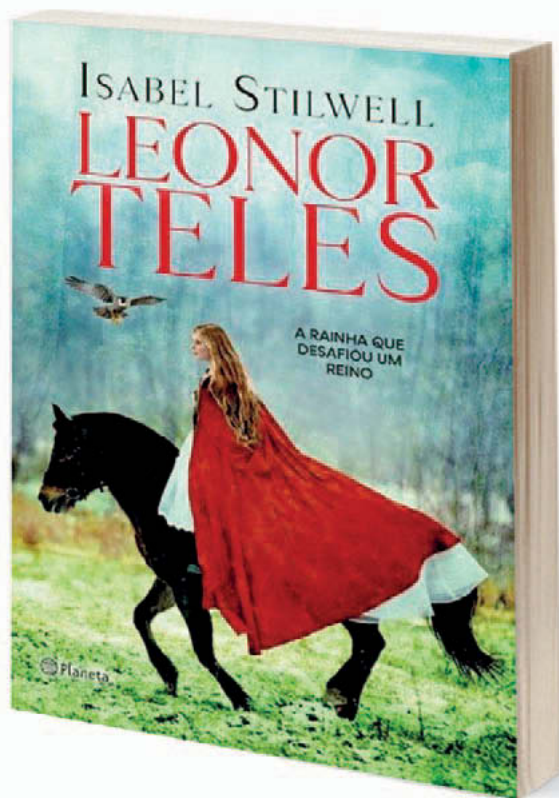
Os portugueses antigos detestavam-na, os atuais elevam-na ao primeiro lugar

Ao décimo segundo romance, Isabel Stilwell não foge aos protagonistas da nossa História com que tem conquistado um grande número de leitores. Desta vez biografa de forma romanceada a "rainha que desafiou um reino", Leonor Teles, a primeira monarca portuguesa.

TEXTO **JOÃO CÉU E SILVA**

Era tão detestada pelos portugueses, que lhe deram o cognome de "a aleivosa" [pérfida, desleal]. O cronista Fernão Lopes foi um dos principais instigadores desse ódio a Leonor Teles, sentimento que tem perdurado durante séculos devido a ter casado com o rei D. Fernando e pela sua morte assumir a regência. A sua posterior relação com um castelhano, o conde de Andeiro, e o poder deste na corte criaram um dos momentos mais vibrantes da nossa História, que desembocou no conluio entre o mestre de Avis, Nuno Álvares Pereira, e Álvaro Pais, sendo que o primeiro o assassinou a 6 de dezembro de 1383 e irá tornar-se rei de Portugal [D. João I].

Seria de esperar que alguns leitores se interessassem por esta senhora tão vilipendiada, mas o que se verificou nas últimas cinco semanas foi que esta biografia romanceada foi elevada ao primeiro lugar das tabelas de vendas pelos leitores, desafiando o ódio que os portugueses antigos tinham para com Leonor Teles. Não será por acaso e em muito contará o imenso séquito de leitores da autora, que nunca recusam o desafio que Isabel Stilwell propõe a cada novo romance.

Quando se lhe pergunta como é que um romance sobre uma mulher tão maltratada pela História chega ao primeiro lugar das vendas de livros e se mantém durante mais de um mês na posição, a resposta é explícita: "Porque os odiados da História suscitam quase tanta curiosidade como os muito amados." Não recusa uma outra razão: "Os leitores confiam em mim e na minha forma de dar vida a estas personagens. Consideram que se Leonor Teles me interessou tanto que decidi dedicar-lhe muito tempo e escrever sobre ela, também lhes irá interessar a eles." Enumera algumas razões desta confiança na sua escolha: "Acreditam que lhes vou permitir aceder aos bastidores de mais uma história que nos foi muito mal contada, escrita com emoção e um enredo extraordinário, porque foi assim o tempo desse reinado, mas também com informação rigorosa que lhes permite ficar a saber mais."

LEONOR TELES
Isabel Stilwell
Planeta
567 páginas

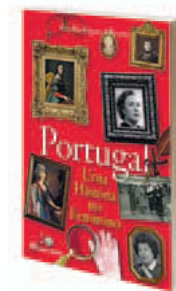
Para Isabel Stilwell, Leonor Teles tem um plano e não olhará a meios para o concretizar.

Para Isabel Stilwell é fundamental não se ficar preso a uma história "estereotipada e preconceituosa", mas "encará-la com um olhar mais imparcial." Avisa que esse olhar renovado sobre Leonor Teles não acontece pela primeira vez: "Felizmente, não sou a primeira a ver Leonor Teles com imparcialidade nem a cruzar as fontes da época para conseguir um retrato mais verdadeiro do que aconteceu naquele tempo." Entre a bibliografia consultada destaca a biografia da historiadora Isabel de Pina Baleiras, que é, diz, "um excelente ponto de partida para começar esta desconstrução" que "contraria o que Fernão Lopes escreveu sobre Fernando e Leonor". Em poucas palavras afirma: "A história do famoso Andeiro, que todos aprendemos a odiar na escola, é a mais maquiavélica de todas, porque aqui Fernão Lopes, com a sua escrita magnífica, precisava de levantar a parada porque o homem que matou o conde a sangue-frio era nada mais, nada menos, do que o primeiro rei da nova dinastia e o pai de D. Duarte, que lhe encomendava o trabalho."

Poder-se-á achar que a intenção de desmontar as crónicas de um tempo antigo tornaria o romance mais desafiador no que respeita à investigação e na escrita do que os anteriores, no entanto Stilwell não vê por esse prisma: "São todos grandes desafios até ao momento em que consigo encontrar a 'voz' dos personagens principais. A partir daí, são eles que mostram o caminho, e a de Leonor Teles é uma voz forte, a de uma mulher complexa, com muitas facetas, com uma cultura acima da média e que dominava a arte da escrita. Se somarmos a isto tudo a visão do tempo sobre uma mulher ambiciosa, que não se limita ao papel de Virgem Maria, percebemos por que cai na categoria das sedutoras, das Evas."

A construção inicial da trama deve muito à presença de uma outra mulher importante na nossa História: Inês de Castro. Pode dizer-se que é uma boa ajuda para reabilitar Leonor Teles de tão amada pelos leitores, mas Stilwell enquadra-a na coincidência temporal de ambas: "Castro é prima direita do pai de Leonor Teles, e Leonor Teles é não só contemporânea do assassínio da sua parente próxima como de todo o esforço que D. Pedro faz para reabilitar a memória da mulher e coroá-la rainha depois de morta." Ou seja, considera, "é impossível chegar a Leonor Teles sem visitar a história da prima, até porque D. Leonor e o rei D. Fernando serão sempre condicionados por ela, e daí nasce a rivalidade e o confronto constante com os três meios-irmãos Castro, filhos de Inês."

"Estas duas mulheres são, afinal, dois lados de uma mesma moeda." Consciente desse facto, a autora faz a pergunta: "Porque é que uma é adorada e a outra odiada?" Essa é a resposta que se encontra em *Leonor Teles – A Rainha que Desafiou Um Reino*.

LANÇAMENTOS

PORTUGAL – UMA HISTÓRIA NO FEMININO
Ana Rodrigues Oliveira
Casa das Letras
626 páginas

DE TERESA A PINTASILGO

São 30 biografias reunidas num espesso volume da autoria da historiadora Ana Rodrigues Oliveira, três dezenas de retratos no feminino que vêm desde o início do condado Portucalense até à primeira primeira-ministra portuguesa, Maria de Lourdes Pintasilgo. O subtítulo não engana ninguém, daí que a autora seja também clara na proposta de uma síntese interpretativa da História de Portugal, em que o fio condutor é o ponto de vista feminino, inserida no contexto político, social, económico e cultural das várias épocas em que as protagonistas viveram. Para a investigadora, "é impossível falar das mulheres sem falar dos homens", mas é "cada vez mais importante que a sociedade tenha em conta o olhar das mulheres". O objetivo é também preencher lacunas que, aponta, são "abundantes" nestas personagens e retirá-las de um segundo plano a que a história escrita pelos homens as relegou. Não se foca apenas em rainhas e consortes, mas o elenco desta verdadeira enciclopédia abrange várias mulheres que influenciaram a História do país em várias áreas, de uma forma mais ou menos direta.

CONSTANÇA TELLES DA GAMA
Maria João da Câmara
Oficina do Livro
511 páginas

MEMÓRIA DE UMA "CONSPIRADORA"

A autora desta biografia de Constança Telles da Gama recorre a uma vasta coleção de documentos e, ao mesmo tempo, a memórias imaginadas de uma mulher que nasceu nos Açores há quase século e meio. A sua história é quase desconhecida e esta biografia romanceada vem revelar uma vida que deve sair do anonimato, designadamente sobre os sarilhos políticos em que se envolveu no início do século passado e que lhe deram passaporte para a Cadeia do Aljube devido à acusação de conspiração contra a República. Um romance que é uma aula de História e que se lê de forma sôfrega, em muito devido ao registo de Maria João da Câmara.

DUBAI

A cidade onde criar é sinónimo do inexpectável

DESTINOS O emirado localizado na costa do golfo Pérsico quer continuar a ganhar músculo nos roteiros turísticos. Na cidade onde parece não ser possível inventar mais nada, a imaginação é o antídoto do improvável. TEXTO **RUTE SIMÃO**

"Quando cheguei, tinha um carro velho que não fechava. Andei dois anos com ele assim e nunca aconteceu nada. Posso deixar tudo em todo o lado e estar à vontade." A segurança é o primeiro argumento que Joana aponta quando questionada sobre as principais vantagens de viver no Dubai. A portuguesa, de 25 anos, estudou numa das melhores escolas de hotelaria da Europa, a Les Roches, na Suíça, e o primeiro encontro com a cidade dos Emirados Árabes Unidos (EAU) aconteceu por intermédio de um estágio curricular. Foi um amor de verão breve mas suficiente para, no desprendimento dos seus 20 anos, fazer as malas e mudar-se para o outro lado do mundo. Passaram cinco anos, recorda, sentada de costas para o mar no Tagomago, um restaurante de comida espanhola que integra o grupo de restauração para o qual trabalha.

O também *beach club*, localizado na Palm Jumeirah, a icónica ilha do Dubai em forma de palmeira, emprega mais três portugueses. "O ritmo de trabalho é acelerado, mas o ordenado é pago sem impostos", comenta a lisboeta, num tom de remate que sustenta a sua escolha pela cidade situada na costa do golfo Pérsico.

Neste que é um dos setes emirados árabes, a língua portuguesa vai ganhando sonoridade entre as mais de 200 nacionalidades que partilham este solo do Médio Oriente. Os dados disponibilizados pelas autoridades nacionais do país e partilhados pela Embaixada de Portugal nos EAU dão conta de mais de cinco mil portugueses a viver no emirado. É certo que os números são ainda um grão de areia perto da população, que ultrapassa os três milhões de habitantes, mas a comunidade lusa vai ganhando músculo principalmente nas atividades ligadas ao turismo.

É num dos 11 restaurantes do hotel de luxo recém-inaugurado, o One & Only One Za'abeel, que David, de 29 anos, assume o papel de anfitrião. Atrás do balcão, é em inglês que explica as infinitas possibilidades de *cocktails* disponíveis na carta, mas tornando protagonista o tom caloroso intrínseco da boa hospitalidade portuguesa, facilmente reconhecível em qualquer canto do mundo. A vida na restauração começou ainda em Portugal, num restaurante de José Avillez, experiência que serviu de ligação ao espaço que o *chef* assina no segundo maior emirado dos EAU e que se configurou no mote para mudar de país. Neste que é o primeiro *resort* vertical do Dubai, a elasticidade de conceitos extravasa a imaginação, posicionando-se no lado oposto a qualquer paralelismo. Em época alta, ou seja, a partir de outubro, o preço por noite começa nos 750 euros.

Existe um mundo dentro das duas imponentes torres de 68 e 58 andares, comida estrelada de vários idiomas, da Europa à Ásia, uma praça de restauração eclética e uma piscina infinita que serve de camarim exclusivo à vista da cidade e que se assume como um santuário para os hóspedes ou visitantes acérrimos de fotografia e redes sociais.

Há um sofá elevador capaz de percorrer pisos e um sem-número de acessos e corredores labirínticos que nos ligam rapidamente a distintos cenários e que Mariana já calcorreia com uma familiaridade admirável. A portuguesa, que integra a equipa de comunicação e *marketing* da unidade, que pertence à ca-

COMO IR

A Emirates é a única companhia aérea com ligação direta entre Lisboa e o Dubai. Com dois voos diários, as tarifas de ida e volta, em julho, começam nos mil euros em classe económica. Nesta altura, considerada época baixa no Dubai devido às elevadas temperaturas, é possível obter preços mais baratos. A viagem dura cerca de oito horas.

O QUE VISITAR

A oferta de atrações e museus é vasta. Há paragens obrigatórias, como o Burj Khalifa, o edifício mais alto do mundo, que oferece uma vista privilegiada do Dubai, permitindo percecionar a escala e dimensão da cidade. Os preços começam nos 45 euros por pessoa para subir ao piso 124 da torre de 828 metros. Saindo do roteiro citadino, é imperativa uma visita ao deserto, onde é possível jantar, assistir a espetáculos e desfrutar da companhia de camelos. A experiência de luxo no Sonara Camp começa nos 175 euros por pessoa nos meses de menor procura. O Museu do Futuro, a icónica infraestrutura futurística que se assume como uma das principais atrações, é outro dos ex-líbris. O bilhete custa 40 euros e dá acesso a toda a exposição, que se espraia pelos sete pisos. Na mesma faixa de preços está o Art Museum, onde a natureza é protagonista. O Dubai Mall, o maior centro comercial do mundo, é outro dos pontos de paragem. O espaço, que ocupa uma área equivalente a 200 campos de futebol, oferece mais de 1200 lojas e é conhecido pela diversidade de marcas de luxo. Do lado de fora do Dubai Mall está o The Dubai Fountain, onde acontece diariamente, a céu aberto – e gratuitamente –, um espetáculo de fontes de água, luzes e música.

deia internacional One & Only Resorts, explica o desafio de criar novos conceitos numa cidade que é mãe do inexpectável e onde parece não ser possível inventar mais nada. Atualmente está a desenvolver a campanha de promoção do hotel, que será gravada no topo do edifício de 300 metros. Olhando para a linha onde finda a torre, a respiração escasseia. "A parte boa de trabalhar aqui é essa: se há uma ideia, faz-se. Não interessa que pareça impossível", conta. Bem-vindos ao Dubai.

Turismo: o petróleo do século XXI

As finas poeiras que açambarcam o ar, imprimindo um filtro no céu que nunca chega a ser de um azul lídimo, rememoram a génese do emirado. A soberba, a tecnologia e o vanguardismo dos edifícios e estradas bebem inspiração ocidental, contrastando com o fulvo da areia que se levanta do deserto. O Dubai é tudo aquilo que os seus visitantes quiserem que ele seja, mas sempre num degrau acima do arrojo.

Fazer turismo no Dubai não é para todos os bolsos: as viagens, os museus, as atrações e o custo de vida no geral estão apenas ao alcance de carteiras robustecidas. O dinheiro é uma via verde para experienciar a proposta de férias que o emirado tem para oferecer.

É certo que o petróleo foi, nos anos 60, a engrenagem que transformou o deserto árido da pequena aldeia piscatória numa das maiores metrópoles mundiais. Do nada fez-se tudo e os alicerces financeiros e económicos estruturaram, até aos dias de hoje, aquele que é o ADN do emirado. Atualmente, o turismo é uma das principais atividades geradoras de riqueza e é de portas abertas ao mundo que o Dubai se apresenta, atraindo, a cada ano, mais visitantes de fora – em 2023 recebeu um recorde de 17 milhões de turistas estrangeiros e ocupou a terceira posição no *ranking* do Euromonitor International, referente às "10 cidades mais visitadas do mundo".

O país está constantemente em desenvolvimento e a passo acelerado. Erguem-se imponentes infraestruturas num estalar de dedos. Criar é o verbo que casa neste emirado, que se orgulha de acumular recordes no *Guinness* – o maior arranha-céus, Burj Khalifa, a maior marina artificial, Dubai Marina, a maior moldura, Dubai Frame, ou o hotel com mais estrelas do mundo, Burj Al Arab, são apenas alguns exemplos. Este espírito empreendedor é apresentado sem rodeios como uma imagem de marca, e o exemplo vem de cima. Em várias lojas, espaços e museus da cidade há prateleiras ornamentadas com as obras do xeique Mohammed bin Rashid Al Maktoum, vice-presidente, primeiro-ministro e governante do Dubai. Assumindo quase que uma postura de CEO e *coach*, os livros abordam temáticas como os negócios, os desafios, a excelência e a felicidade. A organização e a segurança dão estrutura ao costume nevrálgico da cidade, que, apesar do decoro árabe, é generosa em audácia.

O que não existe, cria-se

A agitação das águas do mar percebe-se pelo cantar pujante do rebentar das ondas. No céu, uma aurora boreal completa o espetáculo da natureza, convidando à contemplação e ao silêncio. A poucos passos ouvem-se pássaros e mergulha-se na floresta profunda, entre árvores, arvoredos e um sem-número de espécies de flores e plantas. Aqui dentro faz frio, a água não é mais do que chão e a mescla de cores celestes um presente da imaginação oferecido pela tecnologia. Estamos no Art Museum, onde tudo o que escasseia no meio do deserto é aqui oferecido através de uma encenação de *video-mapping*.

No Dubai, o que não existe lá fora, debaixo do tórrido calor que desafia o corpo, é criado dentro de portas, sob o conforto do ar condicionado. Não há entraves no emirado quando o capítulo é criar. Na extensa panóplia de museus, parques temáticos e atrações existe oferta para todos os gostos, públicos e segmentos.

É possível ir ao espaço no Museu do Futuro ou meditar num oásis de paz que contrasta com o quotidiano citadino de luxo pintado de carros de alta cilindrada. A eventual exiguidade de encantos intrínsecos de berço são transmutados em oportunidades para ir mais além. As praias modestas, não sendo paradisíacas ou um dos argumentos principais que justifique a viagem como se um destino de sol e mar se tratasse, são virtuosamente aproveitadas através dos inúmeros *beach clubs*, que oferecem um ambiente ímpar com todas as comodidades complementando, na perfeição, a oferta que este *hub* cosmopolita tem para oferecer. Dar uma oportunidade ao Dubai enquanto destino de férias é sair fora da caixa e ir além do expectável. No emirado vive-se à letra o conceito de "boa vida", com tudo o que cabe lá dentro: restauração de assinatura, uma hotelaria sobranceira e comércio de luxo. Havendo uma boa carteira, o substantivo "limite" não é mais do que uma palavra no dicionário.

**A jornalista viajou a convite do Turismo do Dubai.*

rute.simao@dinheirovivo.pt

ONDE COMER

A qualidade da restauração e do serviço no Dubai é, indubitavelmente, um dos pontos que eleva a experiência no emirado. Todos os sabores do mundo cabem dentro desta cidade, onde não escasseiam restaurantes de renome. O peruano Coya Dubai é um dos exemplos de como é possível oferecer genuinidade numa cozinha importada do outro lado do globo, exemplo transversal ao TagoMago, um *beach club* onde a *paella* ,espanhola é rainha de frente para o mar. Para uma experiência de *fine dining*, o Qabu, do *chef* Paco Morales, que soma três estrelas Michelin, eleva a fasquia com sabores ancestrais. Já o The Guild é a recomendação perfeita para a gastronomia europeia e francesa, num requintado ambiente versátil para almoços e jantares. Para uma experiência íntima com a gastronomia local, o Arabian Tea House é escolha irrepreensível.

ONDE DORMIR

A hotelaria do emirado é merecedora de elogios. A oferta é vastíssima e não faltam opções para todos os gostos. Um três ou quatro estrelas no Dubai é facilmente comparável a um cinco estrelas em Portugal. O NH Collection Dubai The Palm ilustra perfeitamente este argumento com uma oferta acima da média a um preço acessível para o país: até agosto as tarifas rondam os 120 euros por noite num quarto duplo. A partir de outubro os preços duplicam.

PARA AS FAMÍLIAS

O Dubai quer posicionar-se cada vez mais como um destino familiar. E são inúmeras as possibilidades para umas férias com crianças. Desde logo, a variedade de parques temáticos disponíveis permite encher a agenda com atividades para todos os membros da família. Com o calor a apertar, as propostas dentro de água são obrigatórias. O Legoland Water Park (a partir de 83 euros por adulto) é um dos maiores centros de diversão para miúdos. Além do vasto parque aquático, com toda a variedade de escorregas, há atividades, exposições e diversões nesta pequena cidade dedicada ao famoso brinquedo. Ainda no capítulo aquático, vale a pena visitar o Aquaventure, outro espaço onde é possível ir a banhos, e combinar a visita com o aquário The Lost Chambers, para observar as várias espécies marinhas. O bilhete combinado custa 93 euros. Por fim, o Real Madrid World (74 euros) é o mais recente parque temático do emirado dedicado ao clube de futebol espanhol. Aqui os visitantes são ainda brindados com a possibilidade de tirar fotografias com figuras de cera dos vários jogadores icónicos da história do clube, incluindo Cristiano Ronaldo.

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 24 DE JUNHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

O FASCISMO EM FOCO

Ainda o assassinio do deputado Matteotti

A policia tem em seu poder mais um dos principais criminosos

Ao alto, da esquerda para a direita: Filipelli, director do «Corriére Italiano»; Giovanni Marinelli; Dumini, um dos principais assassinos. — Em baixo, á esquerda, o «chauffeur» Magoli, que foi buscar o automovel á «garage», em nome de Filipelli; á direita, Abdo Putato, que tomou parte no rapto e no assassinio.

ROMA, 23.—A policia desta capital procurava activamente o chefe fascista Cesar Rossi, que tudo fazia presumir se escondera nos arredores desta cidade, logo em seguida ao assassinio do deputado socialista Matteotti. Algumas pessoas, porém, afirmaram que ele havia sido visto em Tripoli e outras que transpusera, a pé, os Alpes. Seja como fôr, o referido chefe fascista entregou-se hoje á prisão. Ia acompanhado pelo sobrinho e por algumas personalidades de destaque no fascismo.—Especial.

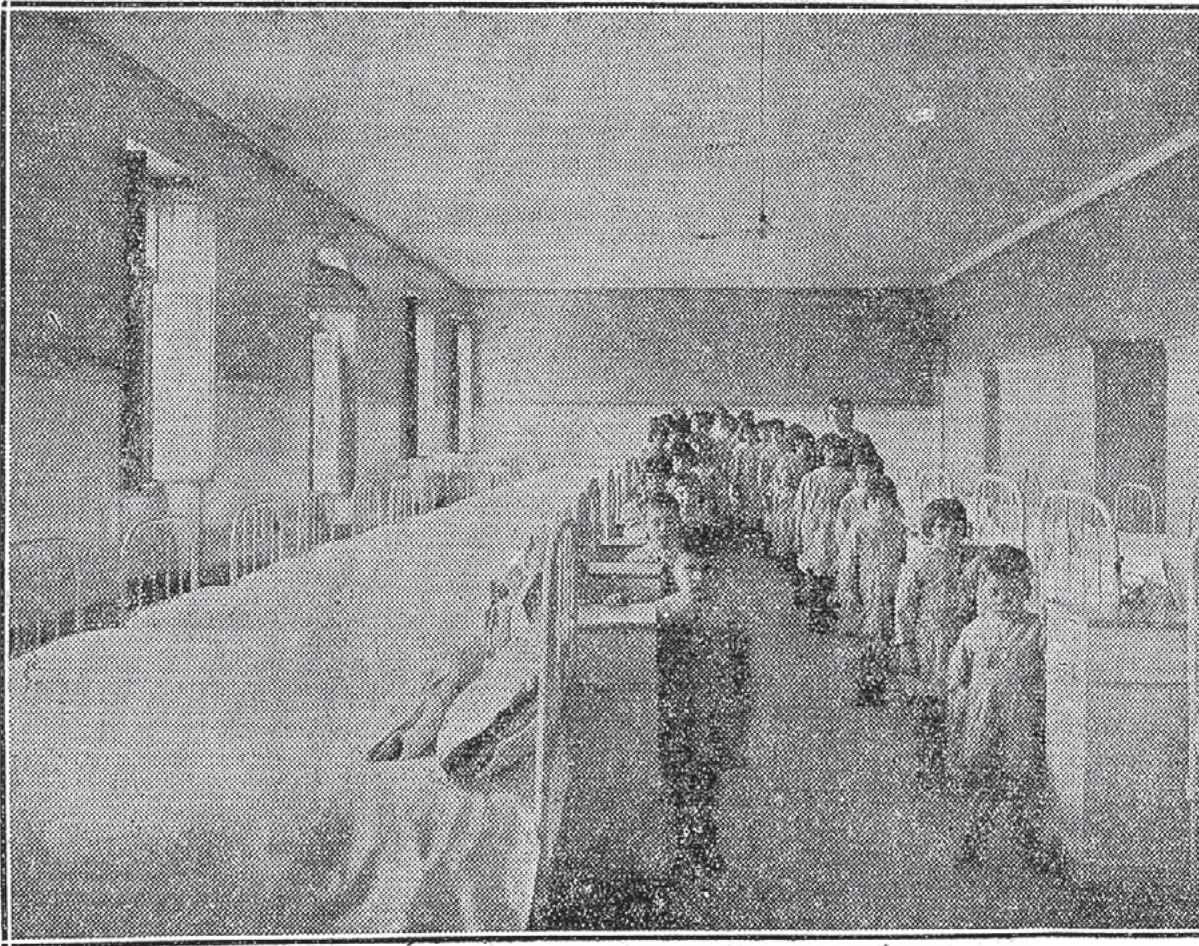
Uma reclamação da Italia ao govêrno suiço

BERNE, 23.—Foi um artigo publicado no jornal suiço «Sentinele», da autoria do conselheiro nacional Paulo Graber, epigrafado «Eu acuso», em que o governo de Mussolini era rudemente atacado a proposito do assassinio de Matteotti, que determinou a reclamação do ministro de Italia ao governo suiço. Este respondeu desejar saber se o gabinete de Roma tencionava enviar-lhe pelas vias diplomaticas um pedido de instauração de processo contra o sr. Graber, conforme estabelece o codigo penal federal.—L.

Foi dissolvido um nucleo fascista

ROMA, 23.—Foi dissolvida a associação fascista, chefiada por Dumini. Era uma das mais fortes, tendo a sua séde em Milão e varios nucleos em Turim, Genova e Bolonha. Possuia caserna e distritos de recrutamento e estava sujeita a uma disciplina de ferro. Um verdadeiro exercito.—L.

Agrava-se a situação?

ROMA, 23.—Uma grande parte das milicias fascistas estão concentradas nos arredores desta capital. A situação parece agravar-se, não vendo já Mussolini, ao que se diz, outra maneira de fazer-lhe face, que não seja com o apoio das baionetas. Os partidos oposicionistas prosseguem na sua campanha contra o governo, reclamando, agora, a captura do antigo director da policia, sr. Borno, e a sua destituição de general das milicias fascistas.—L.

NA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA—Uma camarata de crianças

O CONGRESSO DAS MISERICORDIAS

Por solicitação do benemerito provedor da Misericordia de Elvas, sr. Estevam Palhinha de Brito Falé, deve reunir-se, por estes dias, a Comissão Executiva do Congresso das Misericordias.

SETUBAL, 22.—A cidade de Setubal quo na sua bagagem altruista e filantropica conta um dos mais completos e bem organizados quadros de assistencia publica, admiravel exemplo de solidariedade humana, que já hoje se pode considerar como um sentimento natural em toda a sua importante e laboriosa população, não podia deixar passar indiferentemente a generosa e louvavel iniciativa do «Diario de Noticias», lançando ao país o apelo para ser criado e comemorado condignamente o dia das Misericordias.

Essa idéa, simpatica e bela sob todos os pontos de vista, mereceu a Setubal a mais entranhada simpatia e o mais justificado carinho. E para a rainha do Sado é justificado esse entusiasmo da sua população, tanto mais quo vem de largos tempos o conhecimento de que em todas as vicissitudes ela soube sempre auxiliar a sua Misericordia, e tal sentimento, sempre abertamente manifesto e espontaneo, enraiza certamente do facto de ser essa instituição setubalense filha do proprio povo, que aí pelo ano de 1500 a criou e fundou, já lá vão o melhor de cerca de quatro seculos!

A Misericordia de Setubal tem presentemente a seu cargo, além do hospital, a administração dos asilos Barradas e Bocage, o primeiro para invalidas do sexo feminino.

A' sua frente encontra-se o grande homem do bem que é o dr. Paula Borba, alma de eleição aberta e franca a todos os ideais nobres e generosos, e á sua acção inteligentemente pratica se deve, sem duvida, o grau de elevação que já hoje se admira com orgulho no quadro de assistencia publica de Setubal.

Assim, pois, ao dr. Paula Borba causou o maior entusiasmo a idéa do «Diario de Noticias», e desse entusiasmo compartilhamos por vermos no dedicado provedor da Misericordia setubalense a melhor garantia do exito que a festa do dia das Misericordias terá em Setubal.

Em obediencia ao principio estabelecido pelo «Diario de Noticias», a comissão local organizadora da festa, composta dos srs. Francisco Fernandes, presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal; dr. Paula Borba, provedor da Misericordia e presidente da assistencia local, e Luís Silveira, representante do «Diario de Noticias», acaba de fazer a sua instalação, tendo já obtido bizarramente a cooperação dedicada e valiosa duma grande comissão local para todos os trabalhos a iniciar, e que é composta das seguintes damas e cavalheiros do nosso meio: D. Adelaide Botelho Monis Albino, D. Laura Miranda de Almeida, D. Guilhermina Botelho Monis Borba, D. Madalena de Albuquerque Gusmão, D. Adelaide da Rosa Macedo e Castro, D. Augusta de Sousa Fialho, D. Leonila Costa, D. Lucilia Morales, D. Candida Fernandes Baptista, D. Lucilia Jordão da Silveira, D. Irene Costa Nascimento, D. Elvira da Fonseca Xavier, D. Zelia Vilhena, D. Elisa da Conceição Fernandes e D. Maria do Patrocinio Gama.

Dr. Ernesto Carvalho de Almeida, juiz da comarca; dr. Luís Teixeira de Macedo e Castro, chefe da secretaria da Camara Municipal; Francisco Carlos Nunes, vigario geral; Cesar de Basto Romano Baptista, Antonio Mendes Fialho, Mariano Augusto Coelho, Luís Faria Trindade, Frederico Augusto Nascimento, Tobias Leocadio Xavier e Joaquim José Severino.

Esta comissão teve a sua primeira reunião no dia 19 do corrente, no salão de festas do Asilo Bocage, tendo já esboçado o seu plano de festas, e dele oportunamente nos ocuparemos.

A cooperação dos tomarenses

A proposito da importante reunião de tomarenses, efectuada na residencia do sr. Cesar Gonçalves, e a que ontem nos referimos, foi-nos enviada a seguinte carta:

«... Sr. Redactor:—Li hoje no seu conceituado jornal um convite do sr. Cesar Gonçalves, meu conterraneo, para a realização de uma reunião de todos os tomarenses, para se acordar na melhor forma de se auxiliar a Misericordia de Tomar. Na impossibilidade de comparecer, tomo a liberdade de comunicar, por intermedio do «Diario de Noticias», que perfilho de alma e coração tão generosas intenções, dando o meu humilde apoio moral e material, na medida das minhas posses, para secundar a brilhante e tão louvavel iniciativa do «Diario de Noticias», jornal que goza das mais distintas e honrosas tradições. A nunca desmentida generosidade dos tomarenses vai novamente revelar-se, e para tanto haja em vista o gesto nobre da nossa bondosa conterranea, a sr.ª D. Aurora de Macedo, que ainda ha pouco ofereceu 50 contos á Misericordia de Tomar. Os filhos da laboriosa cidade de D. Gualdim Pais podem, sem excepção, contribuir, e para isso basta que lhes façam um apêlo para que se inscrevam como contribuintes de uma determinada importancia mensal, e tenho a convicção de que os que se encontram disseminados pelo continente, ilhas, Africa e America acudirão pressurosos a juntar o seu obulo ao do comercio e industria da terra bendita e hospitaleira de Tomar, e assim se daria mais um passo para a solução da crise que atravessam estas instituições tão uteis e que são os padrões da grandeza dos lidimos sentimentos das gentes portuguesas.

Desculpe V. o meu atrevimento e creia no que se confessa de V., etc.—*Arlindo Simões Lopes*.—Sintra, 20-6-24.»

AS FESTAS DA RAÇA

Reune-se hoje, nos Paços do Concelho, ás 5 horas da tarde, a grande comissão nacional nomeada pelo governo para tratar das festas da Raça Portuguesa, comemorativas do quarto centenario do nascimento de Camões.

REUNIAO DO CURSO JURIDICO

de 1904-1909

Estando designada a reunião deste Curso para os dias 28 e 29 do corrente, em Coimbra, a comissão promotora, a fim de atender indicações de muitos dos interessados, resolveu que a visita aos professores se realize na tarde de 28 e o jantar neste mesmo dia, reservando para a manhã de 29 a missa por alma dos condiscipulos falecidos.

Assim será possivel, a muitos dos interessados, aproveitar a manhã de sabado para a viagem de ida e volta e a tarde de domingo para a de regresso.

Fugas ao segredo de justiça são prioridade para Marcelo

RECADO PR foi questionado sobre escutas na Operação Influencer. Lembrou que é um problema antigo e tem de estar na agenda das reformas no setor.

O Presidente da República (PR) defendeu ontem que as fugas ao segredo da justiça são "um dos pontos importantes" a ponderar numa reforma do setor, considerando que há um acordo em Portugal quanto à necessidade de repensar a justiça.

Marcelo Rebelo de Sousa foi questionado pelos jornalistas sobre a recente divulgação de escutas em processos judiciais, como as que visaram recentemente o ex-primeiro-ministro, António Costa, na Operação Influencer, sem que estivessem diretamente ligadas aos factos desse processo.

"A Procuradoria-Geral da República, que eu saiba, também já anunciou que ia proceder a uma investigação. A democracia portuguesa conhece já há muitos anos o problema e o debate sobre o segredo da justiça e as fugas ao segredo de justiça", apontou.

Segundo o Presidente, "isso é uma realidade que existiu e tem existido ao longo da democracia e naturalmente que é um dos pontos importantes numa reforma da justiça a ser ponderado". "Há muito tempo na sociedade portuguesa há um acordo quanto ao repensar a justiça portuguesa, à reforma da justiça e agora voltou a ser afirmado isso e é uma tarefa que os partidos têm entre mãos, importante, para poder concretizar", disse ainda.

Na quarta-feira, o Ministério Público abriu uma investigação a fugas de informação no Processo Influencer, depois de ter sido divulgada a transcrição de escutas a conversas telefónicas entre o ex-primeiro-ministro, António Costa, e o então ministro das Infraestruturas, João Galamba.

Segundo a informação divulgada por vários órgãos de informação, a investigação do Ministério Público visa as escutas divulgadas na terça-feira pela CNN Portugal, entre elas uma que apanha António Costa a ligar a João Galamba para ordenar a demissão da presidente executiva da TAP por motivos políticos, depois da polémica indemnização de 500 mil euros à ex-administradora Alexandra Reis.

O PR abordou ainda a audição na Assembleia da República ao caso das gémeas luso-brasileiras, considerando não ter havido "matéria de facto nenhuma" que o leve a acrescentar qualquer comentário aos já feitos, afirmando que não ouviu a audição parlamentar da mãe das crianças.

"Não ouvi, não [a audição]. Não tenho nada a dizer porque relativamente àquilo que eu disse sobre esta matéria não houve matéria de facto nenhuma que me levasse a ter que dizer mais alguma coisa. Não comento as atividades do Parlamento, nem o plenário, nem a comissão, nem a comissão de inquérito. O Parlamento é livre", acrescentou.

LUSA

F1. Verstappen mais líder com vitória no GP de Espanha

O piloto neerlandês Max Verstappen (Red Bull) venceu ontem o GP de Espanha de Fórmula 1 e ampliou a liderança do Campeonato do Mundo. Verstappen, que partiu do segundo lugar da grelha, deixou o britânico Lando Norris (McLaren) na segunda posição, a 2,219 segundos, com Lewis Hamilton (Mercedes) em terceiro, a 17,790. O neerlandês mantém a liderança do Mundial com 219 pontos.

JOSEP LAGO / AFP

BREVES

Pedro Nuno envergonhado com postura de Ventura no caso das gémeas

O secretário-geral do PS declarou-se ontem "profundamente envergonhado" pela "falta de empatia" e pela forma como André Ventura tratou a mãe das gémeas luso-brasileiras na audição parlamentar. "Envergonhou-me profundamente, como deputado, ter assistido à forma como o Chega e André Ventura trataram uma mulher que fez aquilo que qualquer mãe em Portugal faria para defender os seus filhos", afirmou à margem do cumprimento entre os presidentes das Câmaras do Porto e Vila Nova de Gaia na Ponte Luiz I, que une as duas cidades, para assinalar o São João. O socialista assumiu que o Chega representa tudo aquilo que quer combater na sociedade portuguesa, acrescentando que a postura de André Ventura na audição à mãe das crianças foi "a degradação máxima do Parlamento". "O líder do Chega revelou uma autêntica e total insensibilidade humana para com os outros, uma total ausência de empatia", vincou. Pedro Nuno Santos disse "ter quase a certeza" de que a maioria dos eleitores que votaram no Chega nas eleições legislativas de março estão envergonhados pela forma como "o político em quem votaram tratou uma mãe em direto".

Francisca Martins ganha bronze nos Europeus de natação, mas falha Paris

A medalha de bronze nos 400 metros livres conquistada ontem nos Europeus de natação, em Belgrado, não deixou um grande sorriso em Francisca Martins, desiludida por ter falhado o objetivo de conseguir os mínimos olímpicos para Paris 2024 nos Europeus aquáticos, em Belgrado. A nadadora do Foca-Felgueiras tinha assumido a vontade de atingir a marca de qualificação, mas acabou por fazer 4.10,94 minutos, ainda distantes do seu recorde nacional, fixado nos 4.08,77 minutos, e dos 4.07,90 do mínimo olímpico. "Falhei, é lidar. Daqui a quatro anos estamos lá outra vez a tentar. Foi o que deu", assumiu à agência Lusa uma desiludida Francisca Martins, a poucos dias de completar 21 anos. Sem conseguir encontrar grandes explicações para o tempo abaixo do que estava à espera, a portuguesa admite que "os terceiros 100 metros foram um pouco lentos para o que devia ser". Francisca Martins sai de Belgrado com três finais, em três possíveis, um bronze nos 400 metros livres, um quarto lugar nos 800 livres, a apenas quatro centésimos do pódio, e um sétimo nos 200. "As provas sem ser os 400 metros, principalmente os 800, foram melhores do que eu estava à espera em termos de classificação. Nos 400 falhei o meu objetivo e vou trabalhar para em 2028 não falhar", assegurou.

Conselho de Administração - Marco Belo Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Manuel Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, José Pedro Soeiro e Mafalda Campos Forte **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt